

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na Área de Concentração CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS A EDUCAÇÃO, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Milton José de Almeida.

Comissão Julgadora:

Cláudia Konitz

[Signature]

RESUMO

A dissertação DIAS DE VIOLÊNCIA - O QUEBRA DE JANEIRO DE 59 EM UBERLÂNDIA analisa o papel da pulsão da violência na estruturação dos agrupamentos sociais. Essa análise é feita ^{a partir} do desenrolar-se dos fatos ocorridos nos dias 18 e 19 de janeiro de 1959 em Uberlândia - MG.

O esquema da dissertação segue a cronologia do Quebra-Quebra, ou seja: primeiro dia do Quebra - a destruição dos cinemas, segundo dia do Quebra - o saque aos armazéns; terceiro dia do Quebra - a violência monopolizada nas mãos do Estado.

A análise contrapõe e aproxima a potência efervescente da violência coletiva da multidão em protesto, como pulsão de vida social e o poder institucionalizado da violência monopolizada nas mãos do sistema jurídico-policiaI do Estado. Tensão entre o fluir (des-ordem) e o instituído (ordem), que não devem se excluir, mas manter-se em tensão conflitiva e instável na dinâmica do conviver social.

INDICE

I. INTRODUÇÃO: O Lado do Avesso	
1.1. Nos braços do desejo	01
1.2. Da espera forçada borbulham palavras	06
II. DESENVOLVIMENTO: O Lado Direito	
2.1. Primeiro dia do Quebra: Destruição dos Cinemas	11
2.2. Segundo dia do Quebra: Saque aos armazéns	43
2.3. Terceiro dia do Quebra: A violência monopolizada nas mãos do Estado	65
III. MARGENS E LEITO QUE DERAM FORMA AO CURSO DO MEU PENSAR	86
INDICAÇÕES PARA A LEITURA	101
BIBLIOGRAFIA	104

*"Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo existe uma relação entre eles."
(Italo Calvino)*

*"As situações paroxísticas de violência escapam a qualquer análise e só podem ser submetidas a uma apreciação estética."
(M. Maffesoli)*

I. INTRODUÇÃO: O Lado do Avesso

*"As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se."
(Italo Calvino)*

1.1. Nos Braços do Desejo

O que me moveu a fazer o mestrado foi a inquietação diante do que se me apresentava então como "passividade" da multidão dos expropriados. Uma pergunta funda se erguia e se estrangulava em minha garganta. Garganta, do latim *angustum* - lugar estreito: Por que as classes populares participam tão pouco de entidades que se propõem defender seus interesses?

Desde 1979 tenho vivido próxima aos expropriados, a quem arrancaram quase tudo. Diante da agonia do mundo, diante da força do poder, um mal estar indefinido foi crescendo, anos a fio, dentro de mim. Um empurrão das vísceras jogou-me no espaço dos donos de quase nada, expropriados de quase tudo. Espaço mais sócio-econômico-político-afetivo que geográfico. Nesse espaço fecundo, mas limitado, meu afeto angustiado reduziu tudo à política. A férrea estruturação do poder econômico-político da sociedade explicava tudo. E um dia solucionaria tudo também. Por isso lancei-me na militância voraz. Foi nesse estado febril, que depois de 10 anos busquei o mestrado. Queria a competência política: Por que as classes populares participam tão pouco de suas entidades?

Conscientemente era o sentido político estrutural que firmava o eixo de minha vida. Desde o cotidiano banal até as opções mais abrangentes, tudo era marcado por essa prioridade. Eu não percebia o movimento subterrâneo se insurgindo, o redemoinho agindo nas sombras e abrindo passagem.

Nos dois primeiros anos de mestrado ventos plurais fluíram no fundo e em volta de mim. Desmancharam caminhos trilhados. Descortinaram novo horizonte para me situar no mundo. Trazem de roldão um jeito novo de considerar o saber.

Muitos fluxos se produziram. Vinham de afetos que me atingiam com força: pessoas, textos, principalmente os ditos "literários", a experiência no atelier de artes plásticas, o choque do real. A queda do socialismo real. Muitos muros meus ruíram com o de Berlim. Escamas caíram-me dos olhos, ouvidos, da mente, do coração. Nos escombros, nas valas profundas e subterrâneas, o desejo fervia e me tomou em seus braços. Foram encontros reais. Com o ontem, o hoje. O amanhã? Encontros com o tempo.

O encontro com Otávio Paz, para lembrar apenas um, vibrou uma corda desconhecida, ao falar da pluralidade original. "No começo não havia Um: chefe, deus, eu; por isso, a revolução é o fim do Um e da unidade indistinta, o começo (recomeço) da variedade e sua rimas, suas aliterações e composições". (PAZ, 1988. p. 91)

Ao longo de minha vida, a experiência fora e dentro da escola, fôra a ocultação e a negação de todo esse movimento. A proibição da multiplicidade, a condenação da diferença pela padronização imposta. Na Universidade, a maioria das vezes, confunde-se seriedade e rigor científico com garantia de cristalização de mo-

dos estabelecidos de olhar, interpretar, analisar a realidade. Buscar um objeto e envolvê-lo com o manto sagrado de uma teoria consagrada. Evita-se o contato direto, julgando-se que há proximidade. O manto sagrado da teoria, garante a seriedade científica, permitindo, é claro, formulações pessoais secundárias, ditas criativas. Nessa mesma universidade há, é bem verdade, brechas para outro tipo de rigor, em que a produção criativa expressa o movimento do pensamento tocado pelo real, levando em consideração a reflexão elaborada e acumulada - patrimônio da humanidade.

Afastando-me da proposta acadêmica mais usual, vivencio o processo de impregnação do novo horizonte descoberto. Não é um horizonte límpido. Mais se parece com o entardecer. Nem luz clara do dia, nem sombra espessa da noite. Tento me abandonar e largar mão do poder de conduzir-me por vias racionais padronizadas. Quero me embrenhar pela magia da arte e pelo engajamento político, agarrada ao real. Não coisificando a arte nem coisificando a política. Situando-me no real com a magia da arte e com o compromisso ético da política. O poder não está só lá. É onipresente. O belo não está só lá. É onipresente. Aninhar-me no real. No horror do real. Em suas entranhas que estão fora e dentro de nós. E experimentar a magia do prazer-dor gratuito da arte e a dor-prazer do compromisso ético-político, como condição de vida humana, na totalidade do existir. Perspectiva mais ampla de racionalidade. Racionalidade na medida da condição humana, produção de ser inteiro e não do fragmento dito razão.

Foi assim que deixei-me conduzir duas manhãs para o IBGE. Sentia-me uma tola. Anotei dados e cifras sem saber bem para quê. Na terceira manhã fui conduzida para o Arquivo Público

Municipal de Uberlândia. Nessas manhãs não caminhei sozinha. A multidão dos expropriados me acompanhava. Em forma de inquietação. Na porta do arquivo me detenho. Ao pedir o material é de praxe perguntarem sobre o período que rege a pesquisa. A década de 50 foi-me sussurada ao ouvido mansamente. Entrei resoluta e pedi: - Década de 50! - Dezoito de janeiro de 1959, me disse o repórter, "a massa arrasa os quatro cinemas da cidade".(O REPORTER, 19/01/59) Ela viera comigo alojada na inquietação. E me esperava lá nas palavras impressas de "O Repórter". Não só me chamava, gritava.

Mesmo diante da evidência não me abri ao contato. Foi preciso que Milton, diante do meu relato dissesse: "-O tema está aí, o saque de 59. Volte ao arquivo. Mergulhe de cabeça. Pegue os jornais, leia tudo: os relatos do Quebra, as farmácias de plantão, filmes em cartaz, anúncios, coluna social, tudo".

Já se passaram dois meses. O calendário marca o final de 1990. E desde aquele dia me sinto literalmente seduzida pelo Quebra. Quero despir-me de mantos sagrados, tirar os véus do olhar institucionalizado e das fragmentações do saber. Quero descalçar as sandálias. Nua, de pés descalços, para que me seja dado ver a sarça ardendo. Ver a sarça arder no Quebra de 59 em Uberlândia. Olhá-lo como se o meu fosse o primeiro olhar. E é. Cada vez que somos afetados pela realidade é uma vez única, singular, como o encontro sempre único de amantes apaixonados. Desse encontro-confronto vou explicitar o que for possível, em palavras escritas.

Num tema está o mundo todo. A linguagem nos veste e nela nos apresentamos diante dos outros. Um sonho deu corpo a essa visão. Era outra, mas eu mesma. O sonho é fiel à multiplicidade. O

trabalho com o tema é confecção de uma veste. Seda estampada. Mas não vejo as cores. Vejo os alfinetes, a agulha, e os alinhavos à mão. É outro que me corta a veste. Sem molde e sem medida. Costureiras costumam anotar medidas exatas e desenham moldes com régua e esquadro. Vou alfinetando e alinhavando, prevendo a beleza da tessitura. Tessitura nos dois sentidos: de produção articulada de fios e de conjunto de sons que melhor convém a determinada voz ou determinado instrumento. A veste tem que ser fiel à medida interior que é também exterior, tem que ser singular. A linguagem é o tecido que expressa o movimento do pensamento tocado pelo real.

O tema de minha pesquisa é a violência e o Quebra é manifestação exuberante dela. O fenômeno da expropriação também não está só lá. É onipresente. Está em nós. Em todos nós. Em cada um de nós. Pesquisar o Quebra de 59 é evocar, arrancar do fundo de nós os movimentos massificantes e enfrentar o exercício árduo de perseguir a singularização, para nós e para os outros. É possível uma sociedade de singularidades? Não é proibido sonhar, mesmo num mundo ensandecido pela morte do ser humano no consumo e no poder. É preciso sonhar. No caos desse nosso mundo, espreitam gemidos com potência para romper a massificação e instaurar experiências de singularização. O que vingará não sei. Sei que para não sucumbir na tragédia do horror mundial, só a ascense da singularização como condição de existência, banhada no sonho de uma sociedade de singularidades. Sonho que empurra a luta contra a massificação gerada pela expropriação de todo tipo.

1.2. Da Espera Forçada Borbulham Palavras

Há muito tempo não envolvo em linguagem o movimento brusco, por vezes sutil e invisível do Quebra entrando e saindo do meu cotidiano de comer e dormir, andar e amar.

Hoje, vinte e seis de novembro de 91, vencidos 616 Km de estrada cheguei à biblioteca da Bienal de São Paulo. Como não é exceção no país, está fechada. A funcionária do período da manhã não veio e não há substituta. O jeito é esperar por três horas. Eu viera em busca de uma entrevista com Antonio Poteiro, arquivada na biblioteca. Na espera forçada Heráclito me estimula: "Se não esperas não encontrarás o inesperado, que é selado e impenetrável". (fgt 18)

Dessa espera forçada borbulham palavras que deito em papel. Evoco o itinerário dos últimos meses. Dos "braços do desejo" salto ao Arquivo Público Mineiro em Belo Horizonte. Lá dentro encontro soldados armados, não amados, metralhas na mão. Aparentam populares, inexplicavelmente destemidos, que arrastam mantimentos para fora da Casa Capparelli. Isso nas páginas de "O Cruzeiro", com o anúncio de que *a fome comandou as operações*. Na portaria da COFAP a regulamentação legal para o aumento dos ingresos de cinema. Germe da polêmica com os empresários de cinema, que mercadejam a arte do movimento e imobilizam o movimento da arte. É o "Estado de Minas" quem documenta.

Depois é a vez do Rio de Janeiro. O fascínio da Biblioteca Nacional, tantas vezes apreciada de fora, nunca penetrada com cuidado como desta vez. São horas e horas diante da máquina de

ler jornal, que se acende e ilumina palavras.

Em Uberlândia me esperam testemunhas oculares ou auriculares, contemporâneas do movimento de que me ocupo. Recolho detalhes da prática social de frequentar cinema. As memórias se misturam. Há o relato tranquilo e sóbrio do pequeno comerciante, que assustado fechou as portas da venda. O antigo fiscal da Receita lembra o nome do filme e reconstitui em palavras o que ficou na retina. De alguns filmes a lembrança é viva. "Banana da Terra"* com Carmen Miranda, rememora a testemunha. O filme de um romance de Dostoievski, a professora lembrou. E o colorido do filme "Rainha Vitória"? Como a técnica do colorido não era perfeita, a cor do vestido parou, enquanto a rainha ia andando majestosa num vestido descolorido. A datilógrafa sofrida, sem brilho no olhar, rememora lembranças chamadas por minha escrita. Uma luz a penetra, acorda os sonhos e acende o olhar. Datilografa por "engano" em caixa alta todas as UBERLANDIA que escreve. Desata a palavra e fala com gosto, a que é tão calada. E eu me pergunto: que mistério se esconde nas sessões de cinema dos anos cinquenta?

No acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais de Uberlândia (NUCHIS) encontro fotos preciosas, teimosamente conservadas por João Quituba. Não comporão anexos, não ilustrarão meu texto. Serão parte integrante, linguagem diversa, mas texto no texto.

Mas não só de fazeres e andanças foi esse meu tempo. Foi do encantamento de ceder à palavra. Palavra, em leitura e escritura, que me acorrenta. Nas recolhas da audição acolho o si-

* - Filme de Jaime Rui Costa Abolo Martines - 1938.

lêncio, que é para potenciar o germe do verbo. Verbo que é sentido gerador de sentido. Retorno a autores que me mobilizam. São Clarice Lispector, Pasolini, Dostoievski. E Marguerite Duras com seu cinema-poema. Virginia Woolf n' "Um teto todo seu". E muitos outros, faíscas para acender a fogueira e soltar a escritura.

Remexo jornais, gravações e micro-filmes. Eu me angustio, ando pela casa e vou rabiscando. Acontece também que em noites caladas, palavras me assaltam e me acordam. Não tenho outra escolha, levanto e escrevo. Me faço ouvinte: escuta sagrada.

Outro fazer me pre-ocupou e ocupou na busca-detetive dos filmes "O Meninão" e "Os Irmãos Karamazovi". Mobilizei amigos, parentes ou não. No Brasil e fora dele. Não encontrei "O Meninão", mas o encontrei de alguma forma. De Nova York me veio o outro filme em versão original e capa bonita.

O meninão agitado da noite do Quebra me valeu uma noite de conversa fecunda no apartamento de Kátia. A sensibilidade de Ricardo-artista me fez perceber que Jerry Lewis é re-velação do clown que cada ser humano pode ser. Ou pode ir se tornando no exercício de continuamente ir tirando a máscara e se enfrentando dilacerado em legião que é.

No Museu de Oficinas de Uberlândia, teares de madeira contam a história silenciosa do lado direito e do avesso de tecidos multicores. São colchas, tapetes, toalhas de mesa. O avesso do direito alguém vê? As linhas trançadas, desenhos não nítidos, as cores con-fusas?

E assim eu vou constatando que a palavra é o eco das coisas, que gritam sentidos. Sentidos para escrever, pois não sei falar, embaralho palavras, tropeço em sentidos. Mas o verbo me

assalta os ouvidos e salta na escrita. Sou filha de um pai, fazedor de palavras em gráfica artesanal. Lembro o grande tabuleiro de tipos solitários e sem nexos, à espera da pinça que operava o milagre do sentido na fazeção das palavras. Lembro todo tipo de tipos. Rebuscados, de traços sinuosos e tipos austeros de linhas eretas. Ambos em caixa alta e baixa. Lembro em páginas de papel jornal, textos ditos de prova, para freguês conferir. Me lembro também, não de ver, mas de ouvir contar, uma história sinistra, de palavras subversivas a meu pai atribuídas, pelo Estado algoz. Foi no Estado Novo. A gráfica foi invadida por ordem de Getúlio. Meu pai e seu pai foram acusados e presos por um texto nunca tipo-grafado, mas foto-grafado como peça para o judiciário.

E assim vou tecendo sem teares. Vou tecendo meu texto, o direito e o avesso. Não escondo o avesso, é tecido intermitente e nessa introdução o entrego a quem me lê. Essas preliminares também pós-liminares são o avesso do texto.

Deixo o lado do avesso, volto ao lado direito e o releio com calma. Percebo que tem certa unidade em sua dispersão. É minha construção de sentidos, erigida sobre o primeiro dia do Quebra: violência nos cinemas. Este primeiro dia me aponta o segundo e o terceiro, como passo a expor. No segundo dia do Quebra: violência no comércio. O terceiro dia contém os desdobramentos jurídico-policiais: a violência monopolizada nas mãos do Estado.

No primeiro e segundo dia a multidão executa a vingança com as próprias mãos. No terceiro dia a vingança é do Estado, que substitui as mãos dos proprietários em sua vingança travestida de justiça oficial.

O alicerce que cimenta os três dias é o texto de René Girard "A violência e o sagrado" da Editora Paz e Terra. As pulsões em nível mais fundo, que mobilizam minha escrita são textos poemas, que inventam um mundo esculpido em palavra. Impossível exprimir o calor das presenças destes textos literários, para mim propulsores.

NOTA: Ao longo de toda a dissertação aparecem textos em itálico sem aspas. São de jornais e revistas que noticiaram o Quebra. Não são aqui citados como usualmente, entre aspas, porque se incorporam de tal forma ao texto, que passam a fazer parte integrante dele. As indicações dessas fontes estão na página 101.

Da mesma forma, as fotos e xerox ao longo do texto, são frases-imagens, que devem ser lidas no local em que se encontram, como texto no texto. As indicações dessas fotos estão na página 102.

II. DESENVOLVIMENTO: O Lado Direito

2.1. Primeiro Dia do Quebra

Destruição dos Cinemas

"As cidades como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas sejam enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa."

(Italo Calvino)

A minha frente a construção pesada e fria. Chama atenção o comprido bloco de concreto suspenso por baixas pilastras, que brotam do chão e se afinam para sustentar o corpo inerte do fórum Abelardo Pena. Construção feia que exhibe certa imponência. Imponência sim, que lhe vem da forma dura como o cimento se concretizou e do tamanho pesado da arquitetura moderna. Ou será que a imponência lhe vem de abrigar o poder judiciário? Dentro, juizes, togados e não, sentam-se em seus tribunais, convencidos de que administram justiça. Tribunal de justiça, dizem. De minha parte prefiro conservar a indagação do que seja a justiça. O poder judiciário está ali, corpo de minério, rente ao chão, sem cor nem respiração. Felizmente, em frente, uma velha sibipiruna joga flo-

res amarelas no chão da calçada e no asfalto escuro. As sibipirunas marcam a cidade. Uma delas se destaca das demais. É propriedade da população desde 1983 quando foi tombada pelo patrimônio histórico. Vive na junção da Av. João Pinheiro com a Praça Adolfo Fonseca desde 1918, quando foi plantada no passeio de uma residência. Sua presença desafia a lógica da geometria no traçado da rua, e força uma outra lógica de traçado tortuoso, numa cidade que se expande com pretensões de modernidade urbanística. As sibipirunas são muitas, espalhadas pelas ruas. Duas vezes por ano, em abril e setembro, elas se cansam do verde e desenham mandalas amarelas no preto do asfalto. Quando eu ainda não conhecia a cidade, vislumbrei-a lindíssima pela insinuação de uma carta: "Em toda a cidade as sibipirunas florescem amarelas. A primavera chegou".

A avenida Afonso Pena pode começar ali aos pés da sibipiruna e do poder judiciário. O sangue que pulsa nas artérias da cidade escorre dessa dupla fonte. Da sibipiruna, a seiva forte da vida teimosa, que rebenta prisões de concreto e asfalto e germina em qualquer brechinha de húmus e ar. E esperneia pela liberdade, e ousa acreditar em direitos, e dá asas ao desejo: garante o sonho e a criação. Do judiciário, a seiva pegajosa e arrogante que passa pelas batidas do martelo e pretende colocar ponto final em cada ciclo particular de violência. E ordenar a cidade, e hierarquizar os grupos sociais: garantir o progresso.

Há cinquenta passos da ambígua fonte você entra no Banco de Crédito Nacional. A porta fumê esconde-mostra o interior do banco. Movimento tranquilo. Na calçada em frente ninguém. Ordem vazia. Entro, enfrento a fila única e pergunto pro caixa: - Aqui que funcionava o Cine Eden? - O quê?

Ninguém diria que a agitação começou ali. Naquele dezoito de janeiro a violência rasgou a pele do domingo e aflorou no corpo da Cidade Jardim*. Exatamente no "poeira" da Empresa de Diversões Triângulo Mineiro de Nicomedes Alves dos Santos. Chique mesmo era o C-I-N-E T-E-A-T-R-O U-B-E-R-L-A-N-D-I-A. Exigia terno e gravata e em sua calçada o "footing" era só para branco. Negros, do outro lado da rua.

Em 59 Uberlândia vista do alto, quando o avião descreve um círculo largo para atingir o aeroporto, parece uma cidade de cinema, uma cidade em tecnicolor. As casas muito brancas de telhado vermelho vivo, polidas pelos ventos e tempestades do planalto, se aglomeram lá embaixo, em torno dos primeiros aranha-céus que nascem. E a torre da Matriz, uma torre de brinquedo de armar, domina jardins e casario, árvores e ruas. Neste cenário quadriculado de "set", vive uma população entregue ao beneficiamento de arroz, ao comércio das frutas e do leite da região, sonhando com fábricas e com centrais elétricas.

Naquele domingo de 1959 a indignação desfilou na passeata dos estudantes. Protesto contra o aumento do cinema, que de dezoito passa a trinta cruzeiros. Vigorava desde o final de 58, congelamento decretado por Juscelino.

Frequentar cinema fazia parte das paixões da cidade. Desde 1938 os espectadores uberlandenses formavam filas disciplinadas à porta do Cine Eden, aguardando ansiosos sua vez de adquirir um ingresso para o paraíso. Agora o aumento do ingresso impede o acesso ao "Eden", em cuja porta "querubins armados de espa-

* - Como era designada a cidade de Uberlândia.

da flamejante guardavam o caminho para a árvore da vida" (Gn 3,24).

Ir ao cinema não era apenas postar-se passivamente a expectar a realidade em movimento entregando-se ao olhar. Cinema era um privilegiado espaço e momento de entrega à magia do ócio, nesta cidade estritamente programada pelos neg-ócios. Nas tardes de domingo principalmente, o desejo aprisionado nos outros dias e outros espaços, passeava em movimentos desenvoltos. A sessão da tarde era reservada à juventude. Havia todo um cerimonial preparatório. A veste, a pintura, enfeites, perfumes tudo era cuidadosamente escolhido com o coração trepidante.

Era em grupos que se dirigiam para o cinema escolhido-designado pela condição social. Entrar no cinema bem antes do início da sessão era rubrica do cerimonial. Não simples hábito essa rubrica. Por si só dava colorido rubro à espera. Espera feita de esperança, onde a vida em fluxos se constitui "trailer" do filme. As moças sentam-se primeiro. Algumas deixam poltronas vazias a seu lado. Rapazes andam pelo cinema e uma linguagem sutilíssima, de movimentos capilares, se insinua. Fugidios como a rapidez da sucessão dos fotogramas na película cinematográfica.

O Cine Uberlândia expressa grandiosidade com suas 2.000 poltronas.



Dentro, o balcão dito poleiro, é só de negros. É aí de quem se atreve a não subir.

Depois do filme o vai-vem na calçada. Homens parados apreciam o desfile das mulheres. O desejo se esgueira sorrateiro e desfila também ele, na cumplicidade de olhares, sorrisos e trejeitos. Desfila nas duas calçadas.

As quintas-feiras havia ainda a "sessão das moças", garantida pela distribuição de ingressos às moças frequentadoras das sessões de domingo. Garantido também o lucro. As moças não viam sozinhas, os acompanhantes eram certos.

Naquele dia, planejaram aumentar os ingressos e a multidão reagiu. A fila "boba" preocupou o bilheteiro. A preocupação do bilheteiro se transforma em pânico quando uma pedra atrevida estilhaça a porta de vidro. Foi o estopim para a violência represada desde sempre. Nesses cerrados, pelo menos desde a passagem da bandeira do Anhanguera em 1722, rumando para o "descobrimento

das minas dos guaiases até sair na cidade de Belém do Grão Pará". Isso conforme "notícia que dá o alferes José Peixoto da Silva Braga. Eram 152 homens de armas, entre os quais 20 índios, 39 cavalos, 3 frades com o cabo da tropa capitão Bartolomeu Bueno da Silva. ... No fim de cinco dias, chegamos ao rio das Velhas (Araguari), que entra no Grande, é caudaloso, tem bastante peixe, mas sem mostra de ouro". (Apud PREZIA, 1990. p. 1-2)

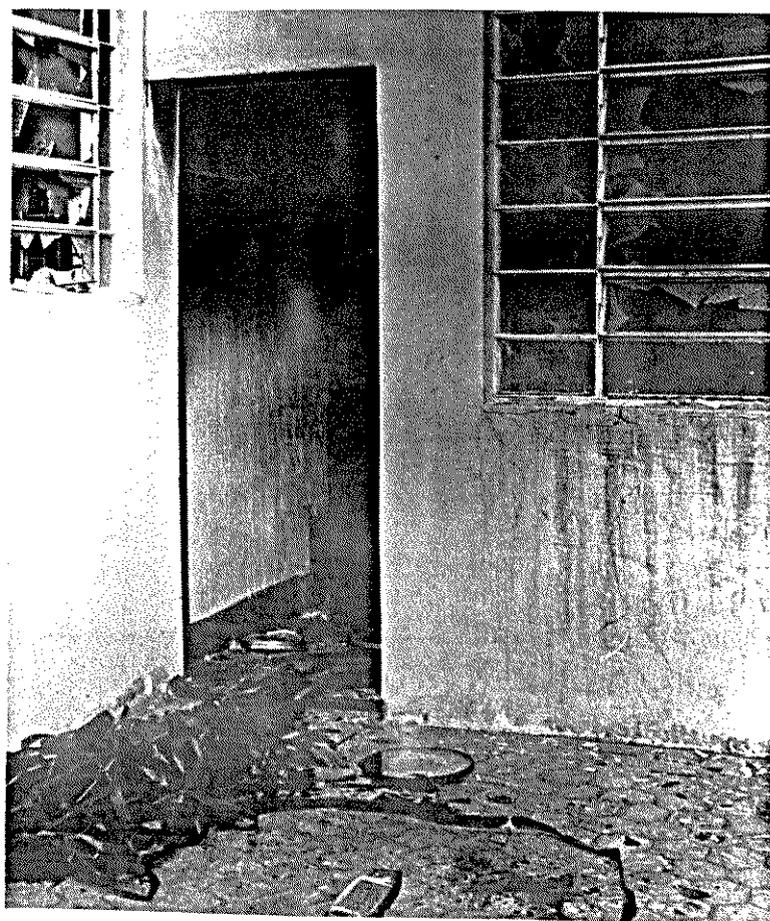
Uberlândia é monumento em edificação ao longo do rio Uberabinha. Um grande mutirão arquitetônico cruza os tempos nesse espaço-parte da Grande Caiapônia*, ocupado com a edificação. O alicerce mais fundo se perde no tempo. Galeria escura banhada no sangue dos ancestrais Mebengokrê, chamados pelos brancos, caiapós. Primeiro ritual da edificação: ritual sacrificial. Da morte no altar emerge a primeira picada ligando São Paulo a Goiás: os produtos agro-pecuários à indústria incipiente; o produto das máquinas ao mercado consumidor. Essa picada aberta no coração do cerrado profetiza o destino da região e de Uberlândia como entreposto comercial. Destino que esculpiu em Uberlândia "um facies econômico, cívico e psicológico característico de sua vida societária". (FREITAS, 1938. s/p.)

Próximo aos ancestrais caiapó ouvem-se gemidos de escravos na senzala. Galeria da chibata, do medo e do estupro. No vo sangue embebendo a terra.

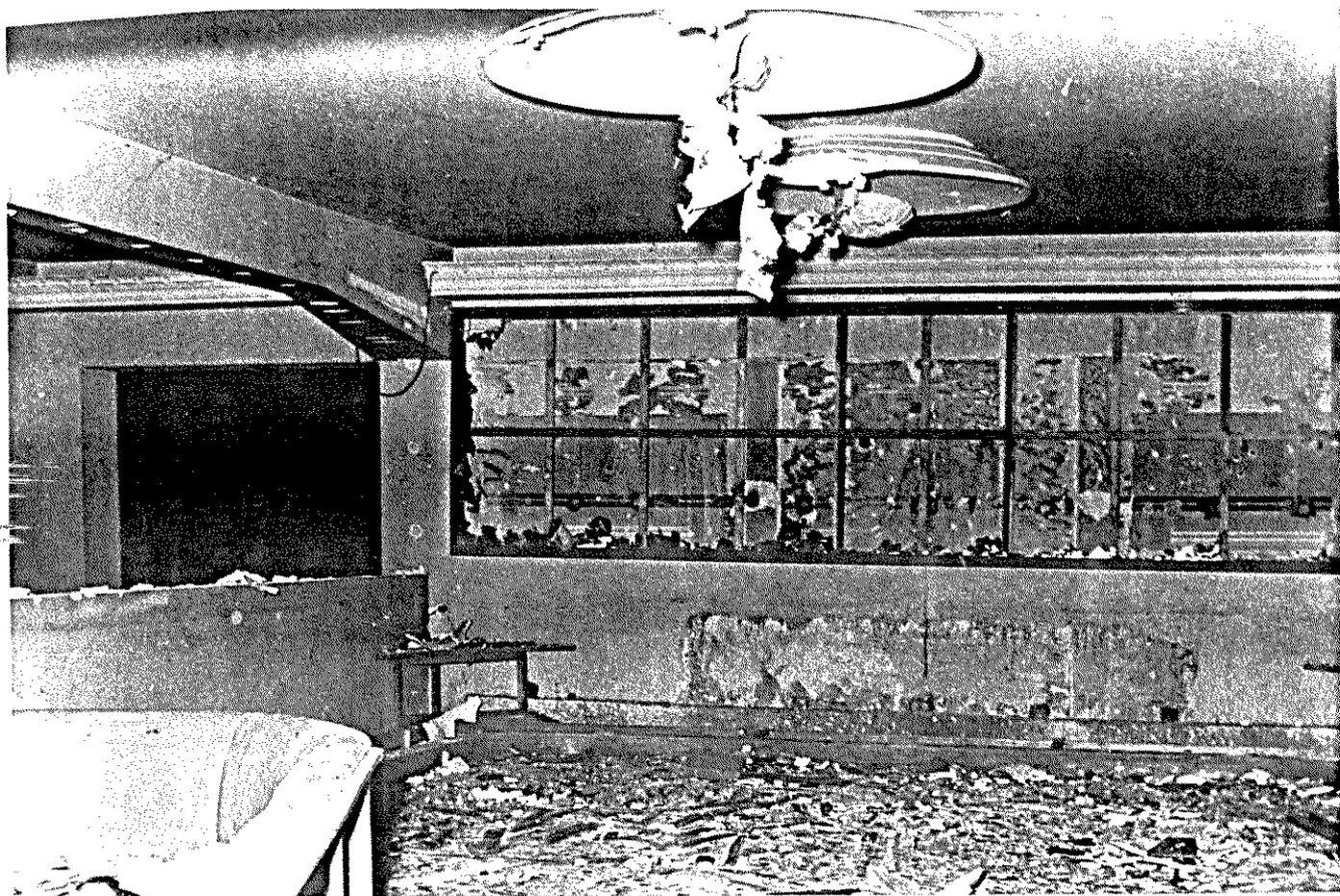
* - Grande Caiapônia é expressão usada pela antropóloga do Museu do Índio de Uberlândia, Lídia Maria Meireles para designar a vasta região que se estende desde o sul do Pará até o Triângulo Mineiro, exatamente porque supõe-se que nesta área habitaram, além de outras nações indígenas, os Mebengokrê (gente do buraco da água). A antropóloga deriva sua denominação da expressão Caiapônia, usada por Darcy Ribeiro para nomear a mesma região.

A região do Triângulo Mineiro foi ocupada pelos brancos com marcados interesses comerciais nas tarefas de recolher e redistribuir mercadorias. As relações comerciais exigiam menos mão de obra do que a lavoura de cana de açúcar e café e também do que a mineração. Assim a região conheceu menos relações econômicas escravistas que outras regiões do país. A par das não tantas senzalas, o Triângulo Mineiro viu a resistência negra edificar quilombos para os fugitivos que adentravam o Sertão da Farinha Podre.

Mas em frente ao Eden a quebradeira foi generosa. A multidão enfurecida apedrejou, arrombou, entrou. Arrasou tudo. Na cabine de projeção encontraram Jerry Lewis com seu "Meninão", pronto para fazer rir os espectadores no final da tarde de domingo. Foi arrastado para fora do cinema. Um estudante corria carregando o rolo do filme desenrolando-se pelo chão.



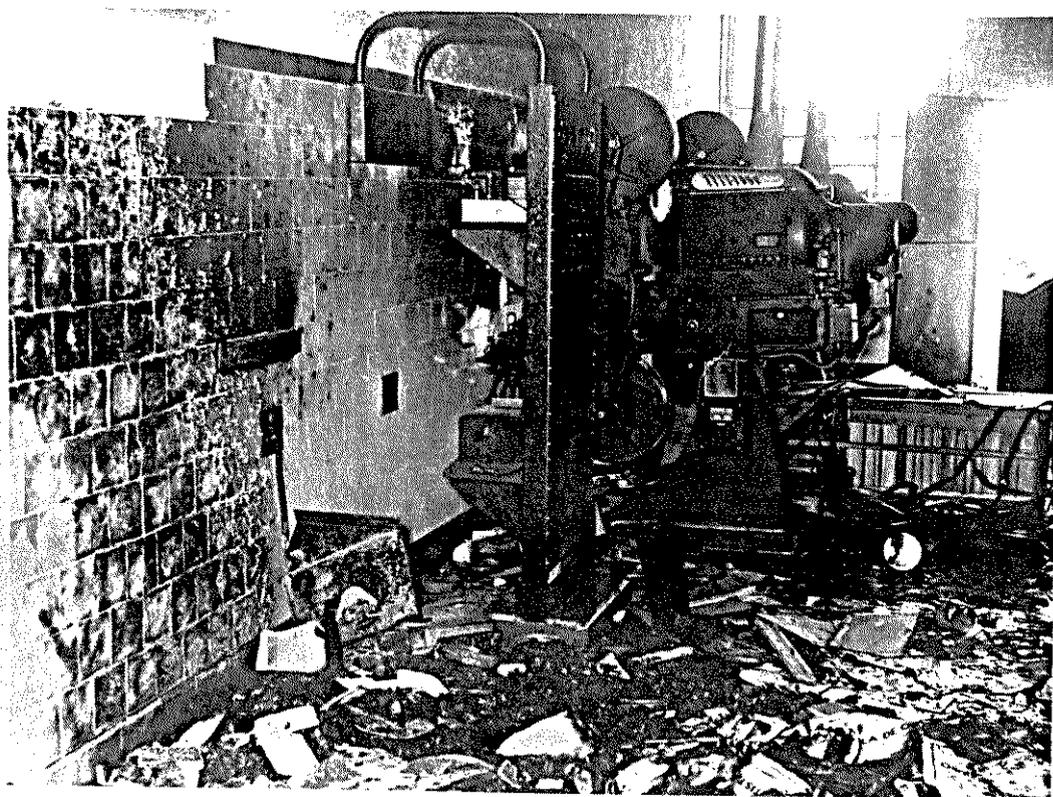
De nada adiantaram os apelos à calma e ao bom senso. Bom senso? Com a fera solta era impossível interromper o ciclo da violência. Foi neste fluxo que a multidão percorreu a avenida Afonso Pena, vencendo rapidamente a distância até o Cine Uberlândia. Na esquina da Machado de Assis, a multidão fareja o Cine Regente e dirige-se para lá. Nova depredação. Empurrões e gritos, confusão e sustos. Com o Regente semi-destruído, é a vez do principal cinema da cidade. O luxo do Cine Uberlândia aviva as cores da revolta. *A sala de espera foi totalmente destruída, a tela de projeção arruinada e as poltronas foram arrancadas.* No interior do cinema ficou a desolação.



O Inquérito registra o depoimento do policial em serviço de ronda na noite de domingo, José de Paula Dias: "... à

porta, verificou que os grevistas, em número muito mais elevado, já aproximavam-se novamente do cinema, nesta altura munidos de pedras, tijolos, paus ... passaram por agredir a polícia, em número de seis apenas, que chegaram a fazer uso de suas armas curtas para o ar, no sentido de intimidar e afastar os grevistas, mas foi de balde, porque estes investiram furiosamente contra os policiais ... tiveram que deixar apressadamente o local, pois que seria(m), na certa, massacrados pela multidão de grevistas furiosos". (INQUERITO, p. 3-4)

Milagrosamente o projetor foi poupado.



Do Cine Uberlândia, Nicomedes-proprietário e seu gerente, Teodolino, tiveram que fugir."... retiraram-se pelo fundo tomando um carro, com destino ao Eden Cinema, para tomar as medidas de precaução, não sendo possível fazer nada..." (INQUERITO, p. 9)

Mas a distância da Vila Martins não salvou o Cine Paratodos, o mais duramente atingido. Foi pulverizado e desapareceu. "O divino espírito do terremoto abalou o solo da cidade. Quedo nada ficou". (EURIPEDES, 1976. p. 97 e 103)

Maffesoli aproxima a fúria popular da riqueza do dinamismo de Dionísio: "Quando conhecemos o inesgotável tesouro que encerra o mito dionisiaco para a compreensão da efervescência popular, temos que ficar atentos a esse paradigma da circulação, que o orgasmo, no seu sentido mais profundo, resume bem." (MAFFESOLI, 1987. p. 73)

O tumulto atingira a coração da cidade. "Dionísio sendo para os homens o mais benigno dos deuses, também é o mais terrível." (EURIPEDES, 1976, p. 109) Na possessão dionisiaca a multidão despira o Uberlândia.



Cortinas de veludo, poltronas, imagens da arte imobilizadas nos fotogramas, tudo foi conduzido para o altar do sacrifício. Próximo ao Uberlândia Clube, em frente à, então, Praça da República, fogo completou o ritual sacrificial. A polícia tentou intervir e no confronto entre a violência policial e a violência da massa houve tiros e correrias. A polícia se retirou; não suportou as pedradas. Depois instauraria inquérito.

Da primeira pedra mirando o Eden às últimas labaredas, um longo plano-sequência reclamou um espectador-operador, um olho-câmera que detivesse aquele presente, preservando a memória da realidade se expressando em sua linguagem, linguagem da ação.

Este longo plano-sequência em linguagem cinematográfica reveste-se de outra linguagem. É também metáfora do social na lógica da cidade de Uberlândia. Em frente ao Eden, o desejo se move na multidão desorganizada que espera o filme. O dique que lhe é imposto explode na destruição do cinema e encaminha a multidão para o centro da cidade. Parece o deslocamento de um rio. A Avenida Afonso Pena determina o espaço da multidão em movimento represado. O traçado da planificação urbanística controla e delimita a fúria popular, que se dirige ao glorioso Cine Teatro. "O sólido encerra o que é fluido." (CANETTI, 1983. p. 90)

Na esquina da Rua Machado de Assis, o rio humano se desvia do leito principal em direção ao Cine Regente. Aí o poder centralizador - Regente - é atingido em destruição simbólica. Nos altos do cinema nem a residência do gerente foi poupada.

Depois é a vez do Cine Teatro Uberlândia. Orgulho da urbe, este cinema no limiar da década de sessenta, é símbolo da racionalização da cidade.

Do Cine Teatro destruído a multidão se dirige ao Cine Paratodos, na distante Av. Vasconcelos Costa, asfaltada no ano anterior. Canetti esclarece o trajeto da multidão: "O que mais chama atenção no rio é sua direção. Ele se movimenta entre margens estáticas, nas quais é visível sua passagem incessante. A ausência de repouso de suas massas de água, que se sucedem de forma ininterrupta enquanto o rio é um rio, o caráter decidido da sua direção geral, mesmo podendo variar em casos isolados, sua decisão de caminhar para o mar, sua incorporação de outros rios menores, tudo isso lhe confere um inegável caráter de massa." (CANETTI, 1983. p. 89-90)

No Paratodos a meta é atingida e o quarto e último cinema da cidade é totalmente destruído.

A perigosa multidão desorganizada e espontânea do mítico Eden, passa por um lento e longo e sutil processo de domesticação nas malhas da racionalização modernizante. Este ritual de modernização é engrenagem de máquina massificante. Sua meta é a representação simbólica social de uma cidade progressista, moderna, sem crises: Paratodos! Do perigo de uma multidão turbulenta atinge-se a massa ordeira na disciplina do trabalho, feliz por viver na gloriosa e rica Uberlândia para todos.

Ninguém filmou a movimentação das ruas, porém o filme não realizado foi aprisionado com tinta tipográfica em palavras também prisioneiras nas folhas do papel jornal. As manchetes desqualificam a rebeldia:

"UMA MULTIDÃO DE VANDALOS EXTRAVASA INSTINTOS"

"MALSINADA ARRUÇA"

"SELVAGERIA NESTA NOSSA TERRA"

"MULTIDAO ENFURECIDA" (não se sabe porque) DESTROI TUDO"

"CENAS HORROROSAS DE VANDALISMO E RAPINA"

Esses foram alguns dos títulos designados ao filme do Quebra pela ética da propriedade. Mas no júri popular seria aclamada a fúria ética. Os expropriados em plena posse da indignação ética, apresentariam o mesmo filme com o título: "Poema da violência".

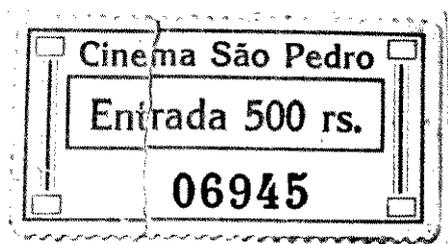
Muitas vezes a violência domesticada se rebelou e explodiu nesta cidade. Mas o registro oficial teima em esquecer. Desta vez a explosão foi no altar da arte, nos cinemas. Altar aqui erguido desde 1909 no modesto Cine Teatro São Pedro.

Modesto dizemos hoje. No início do século, numa cidade de 21 anos, com menos de 20.000 habitantes, essa fachada era grandiosa:



Grandioso também seu interior, de cujas cadeiras o "olho vai lambendo imediatamente a tela e o cérebro agradavelmente estimulado se reclina para observar a sucessão de fenômenos sem se animar a pensar". (WOOLF, 1926. p.)

Modesto mesmo, em seu formato diminuto, só o ingresso de quinhentos réis, aqui em seu tamanho original.



No final da década de cinquenta, Uberlândia já contava com aproximadamente 16.000 residências, sendo dois arranha-céus. Entre as escassas moradias da arte, os templos da imagem em movimento. Muito concorridos em suas duas sessões diárias. Duas eram também as empresas proprietárias dos quatro cinemas. Cada empresa organizava os horários de seus dois cinemas com trinta minutos de diferença, pois o mesmo filme era exibido em ambos. Terminada a projeção do primeiro rolo, a bicicleta corria levando o rolo para o outro cinema.

O Quebra interrompeu a corrida do cicleteiro por quase cinco meses. No Cine Uberlândia, só a 27 de junho a arte foi reintronizada com a liturgia solene dos "Irmãos Karamazovi" de Richard Brooks. No altar do ritual a vítima sacrificial dos irmãos rivais.

Cinco meses antes, no dia do Quebra, o que acontece no interior do filme se confunde com o que se passa fora do cinema. A charge de "O Estado de Minas" mistura realidade e ficção. Existiriam separadas?



A casa do cinema é espaço de contemplar na tela de perímetro retangular. Con-templar: a familiaridade com a palavra esconde o segredo do desconhecido. O dicionário ajuda com a história da palavra. De templo - lugar sagrado, construção de quatro paredes, que no alto confrontam o infinito do espaço e limitam a visão dos áugures. Verdadeiros adivinhos, sacerdotes do sagrado. Do lugar misterioso os áugures sondam o destino dos homens no vôo das aves. O vôo, por ser aberto possibilita muitas leituras. De áugure vem augúrio e vem agouro. De dentro do templo os áugures perscrutam movimentos de asas ao vento, no limite do que será no futuro, a tela de cinema. Há filmes, raros nesse tempo de cultura de massa, que nos transformam em áugures reverentes diante do enigma da existência, buscando a profecia na ignorância criadora.

Da poltrona, vemos na tela de escassos filmes de autor, destinos possíveis em vôos da imaginação. Para cineastas-poetas da imagem visual é esta a proposta. Cineastas como Pasolini, Tarkovski e Marguerite Duras. Esta chega ao limite de filmar a narração de uma história no filme "O Caminhão", deixando ao espectador-áugure-contemplador os devaneios da ação imaginante. Ela mesma critica, de forma veemente, o filme comercial, história explícita, que limita a imaginação. A técnica cinematográfica facilita a instrumentalização pela mudança exposta, rápida e contínua, que solicita o ver instrumental, aprisiona o pensamento e impõe a submissão passiva. Então, o filme, produto de mercado, se entrega ao consumidor, elo final de um processo de produção milionário, que direciona o mercantilismo.

Nos anos cinquenta Uberlândia, como a maioria das cidades brasileiras, viveu a febre do cinema. Sala de projeção ampliada, as ruas da cidade. Primeiro a avenida principal. A parede nua e alta do Uberlândia Clube é tela improvisada.



A multidão se aglomera para o "cineminha do Baia". A tela entrega à massa de espectadores as delícias de ver, quase em frente ao Cine Teatro Uberlândia. Uma afronta aos negócios cinematográficos de Nicomedes, proprietário-mor do feudo-cinema, que derrotaria o adversário, proprietário-menor, o Póvoa*, na guerra pelo monopólio. Em outra guerra do cinema, Golias contra Davi, Nicomedes consegue da administração municipal a cassação do direito de funcionamento do "cineminha do Baia" na avenida central. O projetor, a tela, a caminhonete, o popular Baia e a multidão são expulsos para as ruas das vilas da cidade. O cineminha resiste e continua, a multidão se queda muda diante da tela iluminada.



* - Joaquim Marques Póvoa proprietário, na época, do Cine Regente e Paratodos

"O Meninão" da noite do Quebra não é apenas um dos seus filmes, é paradigma do clown que Jerry Lewis é. Seu clown típico, um meninão estabonado e trapalhão, é provocado por seu duplo, o racional e sério, Dean Martin, o "branco" em linguagem cênica. O duplo complementa, mas sobretudo é adversário, desafiador. Não são dois, na realidade trata-se da materialização da dualidade, melhor, da multiplicidade que dilacera a fragilidade humana.

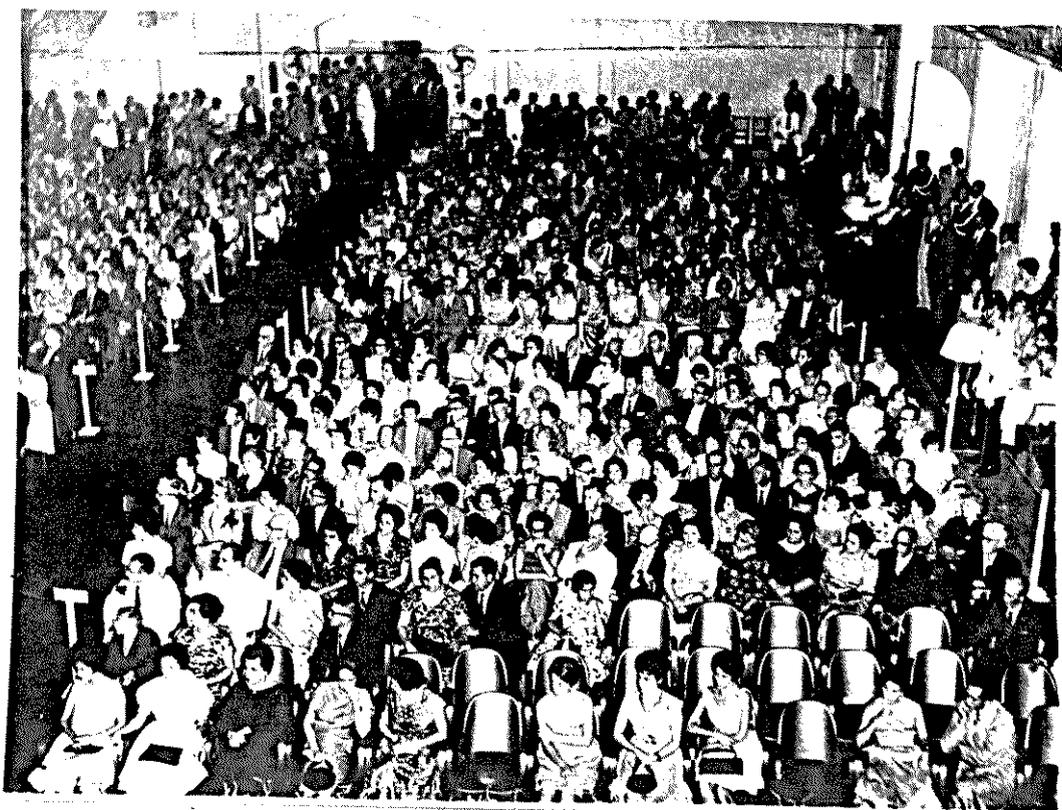
Para quem vê o lado de fora, Jerry Lewis é só riso, é pura comédia. Quem olha no fundo vê, além da aparente comicidade, a consciência dilacerada, a lucidez irônica. Todo palhaço é o quadro pintado por Henry Muller. Tem duas bocas, uma para a alegria e outra para a dor. "O palhaço me atrai profundamente, apesar de eu não ter sempre sabido disso, precisamente porque ele está separado do mundo pelo riso. Nunca é uma risada homérica. É uma risada silenciosa, o que chamamos uma risada triste. O palhaço nos ensina a rir de nós mesmos. E essa nossa risada nasce das lágrimas." (MILLER, 1979. p. 45)

Os espectadores que poderiam estar rindo com as trapalhadas de um meninão desastrado são os mesmos que se afastam do rebanho e destroem com violência as casas do filme. Se a violência instituída abafa o protesto, a contradição ocultada mantém acesa a esperança. E se vinga apaziguada no filme da reinauguração do Cine Uberlândia. "Os Irmãos Karamazovi"* põe a nu a contradição estruturante do humano. Jerry Lewis e os Karamazovi não são tão opostos. A comédia e a tragédia se afastam e se aproximam. A identidade e a diferença correm para se encontrar e uma mora no cora-

* - Filme de Richard Brooks, 1957.

ção da outra. Dostoievski denuncia a consciência partida na invenção do sobrenome russo: Kara - de punição; Mazov - de criminoso, culpado. No plural, Karamozovi, o título maldito: irmãos-aversários, companheiros-rivais. Estigma da humanidade, partejada pelo bem e o mal. Situada além do bem e do mal, no espaço histórico-temporal da trágica condição humana. Tem razão Heráclito: "Tudo nasce da luta. O combate é o pai de todas as coisas". (fgt 8 e 53)

Na reinauguração do Cine Uberlândia, em junho de 59, os Karamazovi, irmanados na culpa e no crime, iluminam a tela do cinema, totalmente remodelado.



Mas há uma luta inglória: luta para destruir a contradição e exaltar a identidade no seio materno de um nós mítico harmonizante, que consola as desigualdades agudas no corpo do co-

tidiano. Luta inglória para preservar exclusivamente a memória oficial da Uberlândia grande e boa. Uberlândia rica, sem crises. "Uber" - melhor que as outras.* Necessariamente com o extermínio de outras memórias.

Aquí uma minoria proprietária e controladora da materialidade econômica, luta para continuar proprietária, controladora única das significações. Perseguido a identidade, exorcizando a contradição, excomungando forasteiros. Não uberlandenses, bodes expriatórios da violência urbana, das contestações sociais e hoje na fala oficial, das favelas que se impõem. Sobre as quais o executivo municipal lava as mãos, repetindo o gesto de Pilatos. "Eu recomendo que voltem (ocupantes de terreno urbano) para casa; voltem para o local de onde vieram, porque essas pessoas saíram de algum lugar e vieram para cá para pesar em cima da sociedade uberlandense. O nosso compromisso é com a população de Uberlândia e os invasores não são população de Uberlândia". (CORREIO DE UBERLANDIA, 21/1/92)

A noite do Quebra escondia fantasmas e bruxas e só a chuva amansou e dispersou a multidão purificada. Porém, no fundo de muitos corações, na escuridão da noite, um tição ardente teimava em permanecer aceso. A chuva continuava mansa e boa, lavando a cidade. A polícia local respirava aliviada. Mesmo assim o delegado Josino Ramalho pediu reforços à rival Uberaba e a Belo Horizonte no vizinho estado de Minas.

Mas não só de depredações foi o janeiro. Cervantes mesmo encantou o mês primeiro na luxuosa encadernação de *Dom Quixote*, em couro com letras douradas e ricamente ilustrado, conforme

* - Uber - étimo germânico que entra na formação de Uberlândia.

anúncio de venda no jornal.

E no sábado, que vesperou a *verdadeira noite de São Bartolomeu*, as mesmas ruas se curvaram ao enlevo musical, que ecoava do Palácio Social*. Melodia desenhada em teclas pretas e brancas pelos dedos ligeiros de Bené Nunes, em recital de piano.

E no domingo que ofertou o *Quebra*, no jornal do dia, *um piano Essenfeld legitimo* se oferecia aos alfabetizados (50% da população) que leem jornal (aqui a porcentagem falha). Mas quem tem dinheiro?

Aquele domingo distante fora manifestação de Dionísio, na convulsão violenta da cidade enlouquecida. De nada adiantou a previsão do estudante poeta no jornal do dia: "... domingo inexpressivo ... monótono ... o tempo não é mais tempo: é tédio estúpido e chato". Na tinta do jornal também o rastilho de pólvora que incendiou os cinemas: o anúncio do aumento dos ingressos.

O Correio de Uberlândia comunica enfático: *De acordo com a portaria da COFAP os preços dos ingressos dos cinemas a partir de 18/1 etc., etc., etc.* Quem vai conferir a tabela da COFAP? Como provavelmente, ninguém na época conferiu, vale transcrever aqui os requisitos para a cobrança máxima permitida pelo órgão federal: 24,00 para os cinemas classificados como primeira categoria.

"Os cinemas de 1a. categoria para alcançar essa classificação, teriam de atender às seguintes condições: preço líquido de ingresso - Cr\$ 24,00. Ter:

a) Sala de espera com piso de mármore ou marmorite ou granito po-

* - Palácio Social - como era então conhecido o Uberlândia Clube, onde Bené Nunes apresentou recital de piano em 17/01/59.

lido, ou pastilhas de cerâmica ou completamente atapetado, exceto nas escadas, porventura existentes, de acesso à platéia da sala de projeção ou aos balcões, se houver poltronas ou sofás estofados.

- b) Bebedouros elétricos com água filtrada e gelada funcionando na sala de espera ou na platéia, bem como em pavimento que dê acesso aos balcões porventura existentes.
- c) Instalações sanitárias muito bem iluminadas, rigorosamente limpas, em perfeito estado de funcionamento com lavatórios e espelhos, tanto para homens como para senhoras.
- d) Sala de projeção com paredes e teto rigorosamente limpos, pintados, ou com decorações ou revestimentos. Piso de parquet ou tacos de madeira ou material plástico ou xilolite, sendo que os halls internos e corredores de passagem terão de ser de mármore ou atapetados. Poltronas estofadas no assento, instaladas em todas as dependências da sala de projeção.
- e) Ar condicionado refrigerado em perfeito funcionamento, na sala de projeção, durante o decorrer de todas as sessões.
- f) Porteiros e indicadores de lugares decentemente uniformizados e asseados." (Apud ESTADO DE MINAS, 18/1/59)

Baixando a categoria, até a terceira, baixavam as exigências e o preço, que ficava em 12,00.

E sabida de muitos, a ilegitimidade da lei, mesmo se em foros de legalidade. Mas nem a legalidade se salvou em Minas. E no sábado dezessete, a plenária da COAP, órgão estadual, discordou da classificação feita pelas empresas mineiras para os cinemas da capital. E congelou os preços dos ingressos, alegando que a classificação estava em *flagrante desacordo com as especifi-*

cações do artigo quarto da portaria da COFAP. A discordância, pelo que apurou a Consultoria Jurídica da Secretaria de Segurança Pública deveu-se à classificação do Cine Acaiaca de Beagá como de primeira categoria.

Para as empresas de Belo Horizonte o Acaiaca era de primeira categoria! Mas como o CINE TEATRO UBERLANDIA, com 2.200 poltronas, estava acima, "über" qualquer outro, arvora-se o direito aos Cr\$30,00. E estava dito!

O desdito veio dias depois: "Podemos afirmar que o aumento havido em nossa cidade, nos preços de cinema... era de fato, completamente ilegal, se a lei fosse observada nenhum dos nossos cinemas poderiam ser enquadrados na primeira categoria, posto que, não possuem todos os confortos para isso necessários, como seja por exemplo, o ar refrigerado". (O TRIANGULO, 24/01/59)

Contemplo o monumento que é esta cidade. Grande edificação coletiva de pedra, tijolo, cimento e asfalto; de relações de mando e submissão; edificação de sentires, desenhos e cores; de lágrimas e gemidos, que vão compondo o monumento de significados múltiplos que constitui a complexidade que aqui denomino UBERLANDIA.

Muitos olhares contemplaram este monumento. Muitos falares juntaram palavras em polissemias diversas. Muitos sentires compuseram poemas e amargaram revoltas. A minha é apenas uma voz entre tantas nesta invenção de sentidos.

Em qualquer ritual de edificação de monumentos da cultura e da barbárie, sistemas se laçam e enlaçam e a cronologia se dissolve. Aqui mesmo, depois da gênese da violência fundadora, fantasmas silenciosos das nações macro-gê e gemidos de negros con-

tinuam velando este planalto. Dos coronéis dos primórdios à burguesia agro-industrial e comercial da ACIUB e do CAMARU* todos ergueram tronos-altares-de-sacrifícios, onde o poder se solidifica e ordena. Sempre aclamados e vaiados pela massa impotente, vítima sacrificial no altar do progresso.

Na complexa cultura urbana uberlandense que nos tece e entretece, quanto coisa não foi/é sacrificada sob fórmulas mágicas em altares rituais. Fórmula mágica é a pressa de progresso que consome a cidade, é o insistente discurso da grandeza, aqui, na voz do prefeito: "O outro nome de Uberlândia é DESENVOLVIMENTO". (UBERLANDIA DOCUMENTO, 1992. p. 05). Fórmula mágica é a fúria de destruir os vestígios da tradição passada, para apresentar a face maquiada só de modernidade. É o esforço ingente de ocultar as contradições sociais embora famílias pedintes se multipliquem nas calçadas das avenidas centrais. O "porque-me-ufanismo" de uberlandenses e uberlandinos*** é fórmula mágica, que transmuda a vítima sacrificial e garante certa solidariedade interna, acima dos conflitos sócio-econômicos. O orgulho exaltado, a vaidade pomposa de se identificar com o progresso da cidade não poderiam suportar a pequenez no nome. Uberabinha só? Quiseram "Maravilha". Finalmen-

* - ACIUB - Associação Comercial e Industrial de Uberlândia.

CAMARU - Centro de Amostra e Aprendizagem Rural de Uberlândia.

** - Por-que-me-ufanismo é expressão usada por Afonso Celso Pastore em seu livro do início do século (1900) "Porque me ufano de meu país", citado por Dante Moreira Leite).

*** - Conforme entrevistado, assim como os urbelandenses são filhos da cidade, os uberlandinos se consideram como tais.

te em 1929 venceu "Uberlândia" na Câmara Municipal*. Uber-lândia: terra fértil, terra prometida onde corre leite e mel, sangue e fel. Ninguém se espante com o fel. Todo monumento da cultura não é necessariamente um monumento da barbárie? (BENJAMIN, 1985 p. 225)

Uberlândia - com a fertilidade vinda do latim, na terra-mãe de raiz germânica. Mas a linguagem não tem inocência ao edificar sentidos. Por isso Tito Teixeira propôs banir o latim e conservar os dois radicais germanicos. Do über - superior, lhe vem a predestinação traçada pelos deuses, da grandeza da cidade.**

A mesma über da superioridade ariana foi arma nas mãos de Hitler para arquitetar o nazismo. Em nome da über a Alemanha se ergueu diante do mundo, altar de vítimas expiatórias oferecidas em holocausto. "Deutschchland über alles": holocausto diabólico que exorcizou a violência entre arianos e garantiu a coesão em torno do "führer".

A über uberlandense inspirou uma pintura ao artista Antonio Poteiro: "Agora tenho um quadro na cabeça: Hitler nascido em Uberlândia, Minas Gerais. Uberlândia é uma cidadinha que tudo que é melhor no mundo existe lá. É um povo orgulhoso, muito cheio de si e racista. Morei lá seis anos. É uma terra que tem clube de brancos e de negros. Quero pôr Hitler filho de uma lavadeira mula-

* - Em 1929 a cidade passou a chamar-se Uberlândia por lei sancionada pela Câmara Municipal. Entre outras sugestões figuravam Maravilha, Gardênia, Cidade Jardim.

** - Em Uber-lândia as versões etimológicas - terra fértil e terra superior - são ambas apresentadas in TEIXEIRA, Tito. 1970. p. 103, Vol. I.

ta. Quero frustrar todo mundo: porque diz que Hitler nasceu na Austria, mas no meu quadro vai nascer em Uberlândia...".(POTEIRO, 1981. p. 57)

Cruel expor assim vísceras dos fundamentos. Vísceras iguais e tão diferentes das de qualquer urbe moderna. Iguais e totalmente diferentes das vísceras do grupo humano mais arcaico. Nelas Hitler nasce em cada um de nós, em nossa ânsia de suplantar o outro. Gerados irmãos rivais no útero social, a violência mimética é de todos e está em todos. Não só violência, porém. No embalo dialético de sermos gestados socialmente e de gestarmos a cultura que nos tece em carne e osso, somos também ternura, apelo à experiência da alteridade. Adversários e companheiros, rivais e solidários, equilibrando-nos no conflito dos polos dialéticos. Ou cristalizando-nos no desequilíbrio do polo da violência.

Heráclito diria da cidade o que disse aquecendo-se junto ao fogo: "Podeis entrar, aqui moram deuses".(Apud BORNHEIM, 1977. p. 45). Primeiro a deusa Ceres fez sua morada nas entranhas desses cerrados e esbanja altas safras de grãos, que exigem enormes armazéns para estocagem dos cereais.

Contrastando com o banzo da senzala é de lá também que vem a presença de deuses que aqui habitam. Deuses instauram festa. E música, ritmo, cores, dança. Tudo no meio da dor de existir. Na cultura africana, ritmos cadenciados, molejos eróticos, cores gritantes e cultos às energias arquetípicas. Na resistência possível, na saudade pungente e na dor mais doída sonhar a poesia da vida e reinventar liberdade. A energia do ritual negro não chegou virgem a essa terra. Desde o século XVIII os jesuítas catequizavam os negros ensinando a profanar a magia afra. E impunham

devoções lusitanas apropriadas a negros: São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. É antiga a Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens de Cor de Uberlândia, que organiza até hoje a festa da padroeira. Mistura de Portugal e Africa, de religião da umbanda, candomblé e religião católica. Resistência possível. Mistura de misticismo, prazer e dor no ritual já afro-brasileiro. Até hoje o dia de N. Sra. do Rosário é uma explosão de festa, presença de deuses, inversão de normas. Provisória, é verdade. Muita coisa se desloca no espaço, no tempo, na hierarquia social. E a cidade se abala e treme. Por isso é que nos anos trinta tentaram confinar os ternos* às vilas da periferia e ao perímetro da praça da igrejazinha azul**. Nada de se espalhar pelas ruas e tomar toda a cidade. A repressão contra a alegria dos negros foi violenta***. Mas as autoridades tiveram que ceder e afrouxar a normatização. Hoje as ruas centrais, a praça da igreja, a cidade toda se faz espaço de negros. O dia da santa não é outubro oficial, é num domingo de no-

* - Terno é como são designados os diversos grupos que compõem a dança dramática do Congo ou Congada. Cada terno executa música e coreografia própria, bem como utiliza instrumentos e vestimenta próprias. É distinto também o significado de cada terno, assim como cada um deles evidencia influência diversa. Congo é também designação de um dos ternos. Quartel é como se denomina a sede dos ternos nos bairros.

** - Igreja Azil - por ser esta a cor atual da pintura externa da igreja de Nossa Senhora do Rosário (1991).

*** - A repressão dos anos trinta contra os ternos, visando limitá-los em espaços definidos, se destacou pela extrema violência utilizada, pelo delegado Samora. (LOURENÇO, 1986. p. 28).

vembro. E os ternos diversos saem cedinho para o Congo em deambulação pela cidade. São Moçambiques, Marinheiros, Catupé, Filhos de Gandhi e tantos outros, com sede em quartéis nos bairros. Concentram-se na praça sob o bastão de seus capitães. Cada terno tem diversidade e singularidade garantida pela coreografia, cores das vestes, variação do batuque e dos instrumentos musicais. É uma alucinação de cor, ritmo, turbantes, chapéus e bonés, numa liturgia solene e cadenciada. Expressiva a simulação de luta ao som do bumbo. Bonito o bailado de trançar fitas coloridas em redor do mastro. Mas é o todo dos ternos que edifica a arquitetura da cerimônia. É verdade que na organização da festa há lutas de poder, tensões, conflitos e hierarquias. Mas é inegável o clima de festa, vestígio de deuses. O ritual da preparação é coletivo e solidária é a experiência de cada terno. E também disputa e competição entre ternos. Porém a festa é mais que tudo manifestação de negros, que no dia seguinte, na liberdade sem peias realizam festa "profana".

Toda essa beleza impressionou vivamente a professora visitante: "Em matéria de ocupação do espaço creio ter visto pouca coisa tão espantosa como a festa em louvor de N. Sra. do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, em Uberlândia, M.G. Ocupação em extensão da cidade toda, pela marcha batida dos ternos indo e vindo dos "quartéis", fazendo as visitas. Ocupação simultânea, estonteante da praça, no dia do encerramento e arreamento do mastro". (MEYER, 1987. p. 29)

No início da década de 50 um filho da terra entusiasmado, descreveu a cidade palpitante sobre uma fornalha, irrequieta e apressada em seu afã de crescer e se expandir. A "Exaltação de Uberlândia" reclama, a meu ver, lucidez arguta. Fruição

também. Deixo ambas as tarefas a quem me lê, sem comentários.

Uberlândia - cidade que parece
edificada sobre uma fornalha,
tanto se alteia, tanto vibra e cresce,
e, vibrando e crescendo, em subúrbios se espalha.
Uberlândia - cidade incandescente,
fogo e luz, luz e fogo em cada pedra;
um edifício se ergue surpreendente,
em cada esquina um palacete medra.
Uberlândia - avenidas amplas, paralelas,
obstruídas durante o dia inteiro
por gente aflita a transitar por elas
como formiga em formigueiro.
Resfolegando, sobem caminhões
e descem caminhões refolegando,
cheios, enormes, pesadões,
como armazéns exóticos rolando.
Automóveis aos cem, em disparadas,
cruzam-se, às vezes, despertando o pânico
de pedestres, que vêm nesse furor tirânico
a trágica ocorrência desfechada.
E roncam aeroplanos pela altura,
do norte para ao sul, de leste a oeste,
penetrando das nuvens na brancura,
da abóboda riscando o azul celeste...
E gente sobe e gente desce as ruas
numa febril azáfama: meninas

de pasta à mão, de pernas nuas,
regressando da escola; homem corado
tresandando a suor, abertas as narinas,
carrega grande alforge, atopegado
de amostras ou papéis, correndo os escritórios.
E passam os ciclistas, pedalando,
abaixo e acima, caixas e encomendas
conduzindo aos fregueses; quando e quando,
o carro dos Irmãos Simão gritando
as coisas estupendas
de anúncios pitorescos e notórios...
E regorgita a rua... o sol a pino
dardeja vertical sobre a calçada
os seus raios de púrpura, num hino
de claridade ardente. Uma brigada
de moças de sapato de salto alto
passa ferindo o asfalto.
É tudo febricita: o comércio, as indústrias,
a fábrica, a oficina,
as forjas e os motores;
e as chapas de metal de luxo, lustre-as
o pulso de operários lustradores
dos postos colossais de gasolina.
É tudo febricita: a serraria
desfaz em tacos uma tora grande;
converte a usina em energia
os flocos da cascata que se expande;
as máquinas possantes

o arroz beneficiam sem cessar;
 e sobe o fumo em chaminés gigantes
 apunhalando o céu, acinzentando o ar.
 Porque inspiras o poema e sugeres a prece;
 porque tens o feitiço em tuas plagas;
 tens filtro milagroso em tua esfera;
 e teu mar de bondade encapelando as vagas
 joga a espuma do amor que prolifera.

Uberlândia - nasceste para a glória,
 na glória hás de fulgir.

Cantarás, de batalha em batalha, a vitória
 aos clarões do porvir.

E cada filho teu, erguendo o braço
 em atitude heróica, erguendo o coração
 em frêmitos à Pátria, escreverá no espaço
 - inédita epopéia - um curvilíneo traço
 da tua reverberação. (PAES, 1953)

Decodificando-se, o complexo ritual de edificação da cidade, deixa entrever o impulso que engendra as grandes civilizações e as menores sociedades. Exatamente pelo rito de exorcismo da violência estruturante, que nos tece a todos e a cada um e gera a sociedade que edificamos.

"Esquecemos há muito tempo o ritual sob o qual foi edificada a casa de nossa vida. Quando porém ela está para ser assaltada e as bombas inimigas já a atingem, que extremadas, extravagantes antiguidades elas não põem a nu ali nos fundamentos! Quanta coisa não foi enterrada e sacrificada sob fórmulas mágicas,

que apavorante gabinete de raridades lá embaixo, onde, para o mais cotidiano, estão reservadas as valas mais profundas."(BENJAMIN, 1987. p. 12)

2.2. Segundo Dia do Quebra

Saque aos armazéns

*"... onde a paz é resultado da inércia das pessoas, merece mais o nome de solidão que de cidade."
(Spinoza)*

"... no fundo de muitos corações, na escuridão da noite, um tição teimara em permanecer aceso." E a manhã de segunda-feira, afastando as cinzas, mostrava o tição. Em outros corações a dúvida que tinham quando se deitaram na noite de domingo, foi totalmente esclarecida na manhã seguinte. Aquelas últimas esperanças de que o quebra-quebra da noite anterior, não continuaria, foram por água abaixo. A cidade amanhecera conturbada, decididamente revolucionada.

Uma chama interior despertou muita gente e coordenou seus passos, conduzindo-os, de diversos pontos da cidade, para as ruas do centro. Grupos de populares começaram a se reunir nas esquinas das ruas e o ambiente de agitações foi aumentando até que *deflagram os acontecimentos.*

Inicialmente são como gotas d'água a se juntar em grupos tímidos de três ou quatro, comentando a véspera. Aos poucos, as gotas humanas se condensam. Lentamente e sem comando exterior, a violência escorre pelas ruas e se avoluma em rio com direção definida: o Mercado Municipal, na avenida Getúlio Vargas.

Lembro de novo Canetti. A multidão deslizava qual rio atento em seguir a direção que o arrasta: "As manifestações em

grandes cidades têm um caráter semelhante ao do rio. Dos diferentes bairros chegam os afluentes até que se forme a corrente principal propriamente dita. Os rios são principalmente um símbolo para o tempo em que se forma a massa, o tempo em que ela não alcançou o que chegará a ser. Ao rio falta a universalidade do mar e a força de propagação do fogo. Porém, por outro lado, sua direção é levada ao extremo e, como cada vez existe mais água, ele se transforma, por assim dizer, desde o começo, numa direção inesgotável e que talvez seja levada mais a sério em sua origem do que em sua meta... O rio é o símbolo de um estado ainda dominado, antes do estalo e da desgraça; representa mais sua ameaça do que sua realidade..." (CANETTI, 1983. p. 90-91)

Aproximadamente sessenta policiais do destacamento local faziam o policiamento das ruas centrais. Lá pelas nove horas, sem que se soubesse como se deu o ajuntamento, palavras violentas agrediram os barraqueiros do mercado. Assustados, eles observam cheios de medo. No entanto, *não sabemos porque, após alguns apupos e vaias, o povo, se é que se pode chamar aquilo de povo, se retirou.* A violência da véspera consolidara a unanimidade da multidão, diante do mercado primeiro, e das casas comerciais, depois.

Diante dos barraqueiros, a multidão ainda pequena, despejara o grito contido e, aliviada, caminhava em frente, fiel a um comando invisível. O alvo é duplo: a máquina de arroz do Messias Pedreiro e o Armazém Capparelli, ambos na rua João Pessoa, próximo à estação ferroviária da Mogiana. Primeiro é a vez da firma Pedreiro Importação e Exportação. A máquina de arroz beneficiava milhares e milhares de pequenos grãos brancos, paridos do ventre da terra-mãe. Estocada ali, a multidão de grãos sinaliza a

concentração econômica.



AV. JOÃO PESSÔA — UBERLÂNDIA - MINAS

N.

FOTOTICA

Diante dessa concentração, a pressão das privações suportadas, ordena o ataque e a pilhagem. Então se dá o estalo da multidão. "Daí segue-se a conjunção sucessiva de sentimentos que não têm mais freio e vão se amplificando. E é sobre a base da efervescência produzida, das paixões desencadeadas que se produzem 'atos anauditos'". (MAFFESOLI, 1987. p. 71)

Bem que a deusa-mãe, Ceres, sonhara alimentar todos os filhos com a abundância do fruto de seu ventre, mas naquela segunda-feira, o que ela assistiu foi luta fratricida.

Entre uberlandenses irmãos, a minoria articulou um projeto, burguês desde os primórdios, projeto sólido e consistente, entrelaçando a dominação mais tradicional, envolvida em relações diretas e pessoais, com o espírito empreendedor do capitalismo, consolidado em relações objetivas e racionais. Verdadeira façanha brasileira, que une arcaicas relações de mando e submissão

O comércio, atividade hegemônica em Uberlândia e região, tem muito a ver com a lógica das mãos. Canetti vai a tempos imemoriais e associa a atividade comercial e o movimento de mãos de macacos subindo e descendo de árvores. O equilíbrio e segurança dos animais está depositado em sua habilidade de alternar os gestos de pegar e soltar, soltar e pegar. A rápida sucessão desses movimentos sincronizados, confere ao macaco a leveza sutil, que nos cativa e o diferencia dos demais animais. Tanto num como no outro caso, a atividade é eminentemente pragmática e seu êxito depende de habilidade. No comércio "uma mão segura com força o objeto com o qual se procura induzir o interlocutor a comerciar. A outra mão é estendida, cheia de desejo, em direção do segundo objeto, que não se possui". (CANETTI, 1983. p. 234) Para evitar ser enganado nessa troca é preciso observar o interlocutor e estar sempre de sobreaviso, com uma ponta de desconfiança. Mas é o risco que tempera melhor o jogo. "A alegria difundida e profunda que o homem encontra no comércio, em parte pode ser explicada porque perpetua uma de suas mais antigas configurações de movimento, sob a forma de atitude psíquica." (CANETTI, 1983. p. 234) Outra parcela de explicação para o prazer de comerciar, deita raízes na condição desejante do ser humano, que em sua incompletude busca o outro, estabelecendo trocas dos mais variados matizes.

A humana necessidade de troca testemunha nossa limitação e anuncia o outro nome do desejo: carência. Carência que nos movimenta para fora e pede o reconhecimento de nossa estrutura relacional e a radicação do sujeito no mundo e no outro. Por outro lado, o desejo que somos, testemunha também nossa natural atração pelas utopias, que nos arrastam a transcendências inesgotáveis. O

reconhecimento da condição relacional não esclarece tudo, pois desagua na ambiguidade da abertura tanto para cooperar como para competir e suplantar. Reside aqui a contradição que nos condena à instabilidade de equilibrar-nos em jogo de violência. Jogo tanto mais fecundo quanto menos desigual for a potência das forças conflitantes.

Nas diferentes articulações culturais que os grupos humanos vão estruturando e pelas quais são também estruturados, a circulação de violências recíprocas, configura certa estabilidade. Pois toda configuração cultural é uma maneira determinada de administrar a circulação de violências, visando garantir a sobrevivência do grupamento humano e defendê-lo da violência recíproca exacerbada. A diversidade dessas configurações culturais, em suas imbricações econômicas, políticas, estéticas, sociais, religiosas, etc., tanto pode potencializar a abertura para a cooperação como a abertura para a suplantação. Ora, uma configuração cultural definida prioritariamente por interesses de mercado, absolutizando a lógica do capital, acentua a guerra competitiva em todos os níveis. É dentro desse raciocínio que a sociedade uberlandense se me apresenta edificada sobre um eixo prioritamente articulador de relações mercantis, impregnando todas as nuances do tecido cultural com essa identidade orientadora. Por isso arrisco afirmar que a alma da cidade é uma alma de mercado. Mas não é assim qualquer cidade no capitalismo?

O processo histórico da região se desenvolve com a vitória dos interesses mercantis sobre os interesses de nações indígenas inteiras e sobre os interesses de grande número de experiências quilombolas potencializadoras de cooperação e solidarie-

dade internas. Numa "precoce mas vigorosa mercantilização interna", primeiramente seguindo o ritmo da mineração de Mato Grosso e Goiás, "os comerciantes limpam a região para o capital mercantil local". (BRANDÃO, 1989. p. 5)

Iniciado no século XVIII, esse processo de mercantilização vai se firmando durante o século XIX, ao longo do qual a região é pisada e repisada por tropas de mulas, conduzindo produtos do centro-oeste para o litoral e trazendo produtos manufaturados, ferramentas, sal, etc.. Deixou também marca no Triângulo, a enorme quantidade de gado que passou pelos cerrados em direção a São Paulo.

Com a chegada da ferrovia, no final do século XIX, se implantaram as novas condições necessárias ao fluir de mercadorias, que se agitam com mais rapidez sobre os trilhos que no lombo de mulas. Aos poucos, a região vai acumulando as bases materiais para a expansão econômica e se definindo como entreposto comercial, ligando a economia do complexo cafeeiro paulista à economia primária do centro-oeste, servindo a ambas, mas sob o comando dos interesses paulistas. Como entroncamento necessário, o Triângulo assume papel de mãos terceiras, controlando a distribuição dos produtos advindos das mãos de Goiás e Mato Grosso, em demanda das mãos do sudeste. A atividade de mãos terceiras se submete aos interesses do capital paulista, mas não deixa de reter o excedente abundante, que com desenvoltura transita pela região. Região atravessadora, portanto.

Historicamente, no Ocidente o burgo nasceu à sombra de atividade comercial incipiente e até hoje essa atividade se desenvolve de mãos dadas com o crescimento e aparelhamento urbano.

Os comerciantes da região triangulina e, entre estes, os de Uberlândia, compreenderam profundamente que o destino de seu capital estava intimamente ligado à capacidade de participar da organização, urbanização e modernização de suas cidades. Assim os centros urbanos do Triângulo foram se estruturando e infraestruturando planejada e racionalmente para oferecer as condições materiais - não só essas - propícias à reprodução do capital comercial.

Os interesses do capital comercial deram as cartas no intrincado jogo que foi tecendo a fisionomia cultural da região. Tanto o traçado racional dos centros urbanos, quanto os comportados laços das relações de trabalho, entre tantos outros aspectos, são metabolizados pelo sentimento exaltado de pertença ao coletivo social grandioso e vencedor do Triângulo Mineiro e de Uberlândia, cidade úber as demais cidades brasileiras.

Até o início deste século, Uberaba ocupou posição de liderança na região, controlando o fluxo comercial. Mas a hegemonia foi se deslocando para Uberlândia, que investiu em transporte e estradas de rodagem, energia elétrica e comunicação, estabelecendo-se como tronco do transporte rodoviário. Este, muito mais flexível e possibilitando um sem número de ligações, ofereceu melhores condições de escoamento contínuo de produtos do que o transporte ferroviário e garantiu a Uberlândia crescente êxito na aceleração da reprodução do capital local.

Assim Uberlândia foi expandido a infra-estrutura necessária para consolidar sua liderança como grande centro atacadista regional e mesmo nacional.

A construção de Brasília foi outro fator importante na processo de integração da região à economia nacional. O plano de metas do governo JK se projeta sobre a região como uma benção. O grande objetivo era a construção da nova capital. Na industrialização, a opção nacional foi o automobilismo, com a consequente expansão da malha rodoviária. "Brasília construída de 1957 a 1960 isolada de outros centros fornecedores de material de construção exerceu forte impacto sobre o Triângulo: fortaleceu sua importância geo-estratégica, consolidou-a como entrocamento de importantes estradas federais, mas sobretudo fomentou várias atividades de apoio à construção de Brasília." (BRANDAO, 1989. p. 137)

Mas foi com a implantação, nos anos 60, do Polo Centro, projeto de ocupação do cerrado empreendido pelo Estado, que Uberlândia acentuou sua posição, consolidando as funções de armazenamento, distribuição e até mesmo exportação da safra nacional.

No final da década de 50, período de grande ebulição comercial, e de não menos acelerada inflação, aconteceu o Quebra. Na rua João Pessoa, diante das duas casas comerciais saqueadas, a polícia tentou dispersar a muldião, que se aglomeva^{na}. Sabe a polícia que só dissolvendo o estado de intensa comunhão na excitação, poderá impedir que a inversão social se prolongue e trazer de volta a paz para o comércio. Em Uberlândia o esforço para a manutenção dessa paz vinha sendo bem sucedido. É verdade que se trata de uma paz de concorrentes, paz entretecida pelo fio lógico dos interesses do capital comercial. Paz de controle imposto, que espalha sobre tudo e sobre todos o risco da metamorfose da mercadoria.

Ocultada por essa paz trava-se a guerra surda e subterrânea nos porões das relações sociais. Extravasando-se em rituais de festas, torneios, exposições, reuniões, a violência auto-regulada, se expressa em trocas simbólicas e restaura, sempre provisoriamente, a solidariedade necessária à manutenção da estruturação social. Porém calcando-a, qualquer sociedade faz malabarismos para se equilibrar na harmonia e concórdia da ordem estabelecida para o progresso, considerado como fim e superação das contradições. Vez ou outra, como desta vez, as contradições reprimidas, abandonam os porões a que são relegadas e o combate se dá à luz do dia. Foi isso que aconteceu, *povo e polícia travaram combate nas ruas. Mas somente a polícia usou armas, ao passo que a multidão lançava mão de pedras, tijolos e objetos.* O "Cruzeiro" registrou: "a cidade vestiu farda de guerra e veio para as ruas ... Como se assistíssemos a cenas cinematográficas, o povo enfurecido enfrentou a polícia com desassombro, desafiando baionetas e tiros que partiam, num pipocar incessante de armas de todos os calibres". (O CRUZEIRO, fevereiro de 1959) Verdadeira praça de guerra, Uberlândia, com uma metralhadora fixada numa esquina da rua João Pessoa, sacrificou, pelo menos duas crianças e feriu dezenas de pessoas.

Com a coesão e intensidade garantidas pela embriaguez dionisiaca da efervescência coletiva, a multidão encontrou coragem para enfrentar de peito aberto e pedras na mão, a polícia fortemente armada. E expor-se às balas da morte e à "alta tensão característica de todos os movimentos bélicos". (CANETTI, 1983. p. 78) O repórter, vindo da capital, testemunhou: "A nosso lado, a polícia espancava impiedosamente homens, mulheres e crianças, que

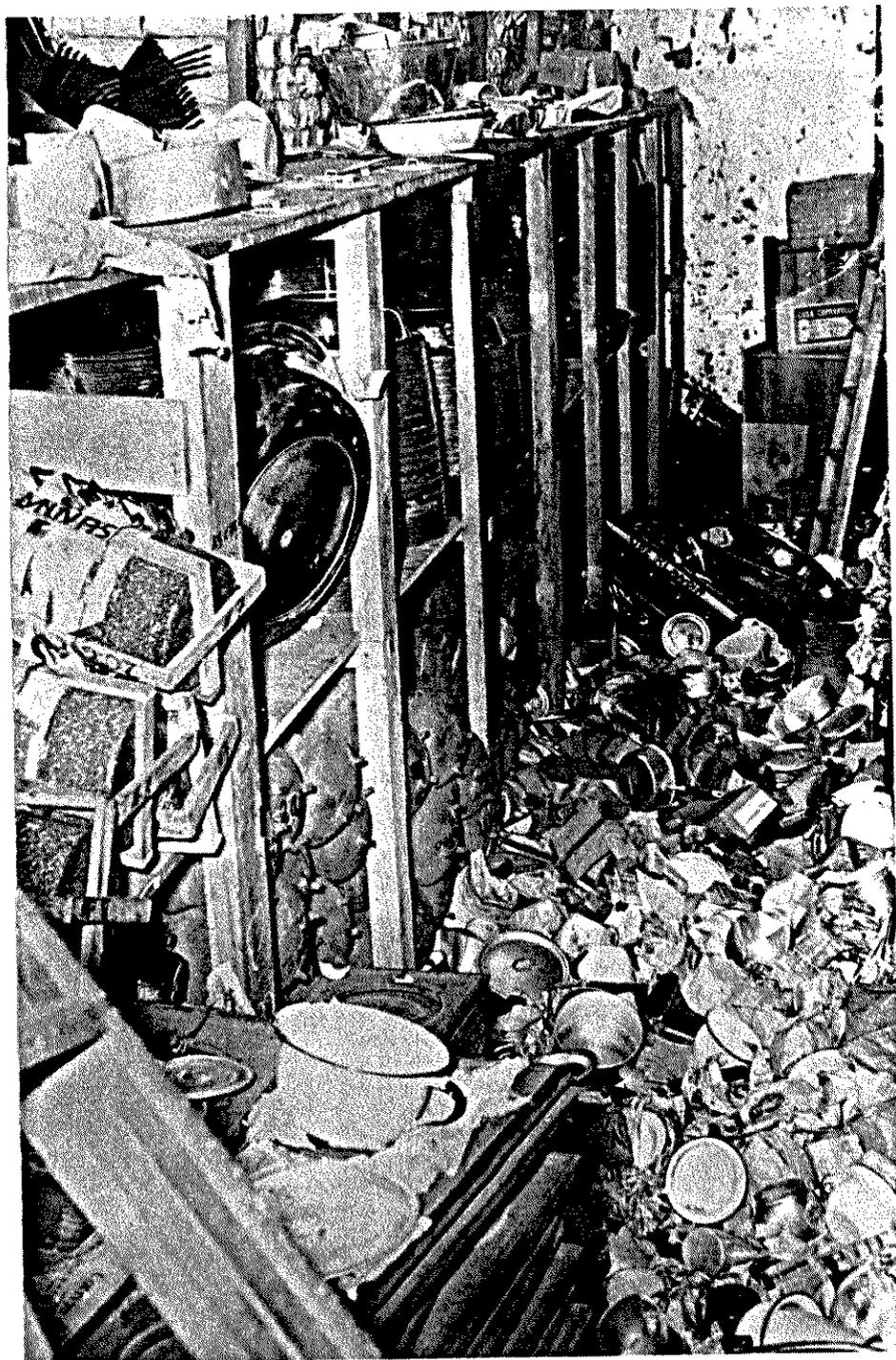
entrando nos estabelecimentos comerciais, saiam carregando produtos do saque". (ESTADO DE MINAS, 21/01/59)

As grandes firmas comerciais de Messias Pedreiro e Francisco Capparelli ficavam no mesmo quarteirão e eram dois os grupos distintos que nelas faziam sortidas completas. Na Casa Capparelli limpavam tudo, arroz, feijão, tudo de armazém atacadista, inclusive armas leves, munições, latarias, óleos, bebidas.



O proprietário desta firma já despontava como atacadista desde a década de 40, quando o Francisco "viajou para Mato Grosso, rumo ao centro-oeste e conseguiu vender doze caminhões de mercadorias, cerca de quarenta toneladas". (BRANDAO, 1983. p. 113)

Mas na década seguinte, depois da pilhagem, as mercadorias do Capparelli ficaram expostas, tudo revirado.



Para a revista "O Cruzeiro" foi a fome quem comandou as operações.



LIBERLÂNDIA EM RETRATO DE QUEBRA-QUEBRA. NEM O "BOM PREÇO" ESCAPOU. METRALHADORAS IMPEDEM QUE O RESTO DO ESTOQUE SEJA RETIRADO.

DO ENFIMADO

LADRÃO DE BICICLETA? NÃO. APENAS UM CICLISTA QUE TENTAVA ESCAPAR DO CASSETETE FURADO DE UM DOS POLÍCIAS.

UMA DE 100 MILHÕES TEM O NOME DE BRASÍLIA

Esta é a história de um quebra-quebra que tirou Liberlândia das suas mãos de paz. Virou a cidade pelo avesso. E a cidade veio para as ruas em rouba de guerra. Por página inédita em seu livro "A Destruição que teve câmbio e metralhadoras", acabou sua vida. A Destruição que teve câmbio e metralhadoras, acabou seu tratamento. Das pranchas de coração limpo e olhos sem mais, está pagando por crime que não cometeram. Foram luzadas.

A FOME COMANDOU AS OPERAÇÕES

Já "O Repórter" retruca: "Ora, a fome! Roubar fardos de sacos, arrobas de cordas e de barbantes, centenas de armas e caixas de munições; dúzias de urinóis, tachos, bacias, etc., dezenas de pneumáticos, milhares de sacas de café, arroz, feijão e coisas outras semelhantes - isso é fome?". (O REPORTER, 23/01/59)

E finaliza a coluna em que contesta "O Cruzeiro", insinuando - "Exemplos de ontem: Em Carlos Albuquerque, no Rio, os homens que se encontravam por ali, em certa rua, lincharam três indivíduos que acabavam de saquear uma residência". (O REPORTER, 23/01/59) Estaria o exemplo insinuando proposta?

Que o contexto nacional era de crise, com inflação acentuada, atestam os jornais da primeira quizena do ano. No mesmo dia que viu a quebradeira, o jornal "O Triângulo", em seu editorial, criticava o descongelamento de preços e predizia: "o povo acossado pela fome e desemprego pode irromper e praticar um novo 14 de julho". (O TRIANGULO, 18/01/59)

O catorze de julho uberlandense, em pleno mês de janeiro, trouxe a Uberlândia o 4o. Batalhão de Infantaria de Uberaba e ainda policiais de Araguari e Tupaciguara para reforçar a repressão local. Chegaram reforços também de Belo Horizonte e vieram até integrantes da aeronáutica paulista. A polícia federal se fez presente para identificar e caçar comunistas. Caçada muito apreciada à época.

O contingente de choque da aeronáutica tomou posição no aeroporto Eduardo Gomes. Trouxe um *pequeno tanque de guerra, metralhadoras leves e pesadas, no além de outros apetrechos bélicos ...*

Na defesa da propriedade, *os policiais conseguiram acalmar a situação disparando mais de 500 tiros e cerca de 50 rajadas de metralhadora.* Que situação teriam os policiais acalmado? A quem voltou a paz?

Na capital da república um conselheiro da Associação Comercial e Industrial insiste com o general Teixeira Lott para o assentamento, há tempo prometido, de um batalhão do exército na cidade. Na defesa do capital é preciso assegurar a propriedade da minoria, acalmar os comerciantes, restabelecer a paz para o comércio. Afinal Uberlândia vive a "vocaçãõ" para o comércio e sua alma é eminentemente mercantil. O desassossego e medo da maioria,

ocasionados por tiros, rajadas de metralhadora e mortes constituem um incidente, preço inevitável do progresso.

Ouvindo hoje a crença religiosa com que os dirigentes locais exaltam o privilégio que é viver nesta ilha de bem estar e concórdia, dentro de um Brasil em contínuas crises econômicas e em tensões sociais, a gente até duvida de que na década de cinquenta a população tenha se rebelado.

Presente faz tempo, perdura até hoje no discurso oficial a insistência na harmonia das relações sociais entre a elite local, empreendedora e dinâmica e os trabalhadores ordeiros, satisfeitos e disciplinados, em contexto forjado a dedo para garantir a acumulação de capital vigoroso para atrair novos investidores. Mas essa "paz de mercado", como a classifica Weber, é "paz entre inimigos" e sua outra face pode ser a ferida aberta em irrupção violenta. A lógica rigorosa do mercado é uma lógica que dispensa o humano, pois o mercado é "especificamente objetivo, orientado exclusivamente pelo interesse dos bens objeto da troca. Quando o mercado se abandona à sua própria legalidade, não leva em conta senão a coisa e não a pessoa". (WEBER, 1964. p. 494)

A elite local não se deu conta do quanto se desnudou ao definir Uberlândia exclusivamente como mercado, na voz do narrador de propaganda:

- "- Cadê o pasto que estava aqui?
- A semente plantou.
- Cadê a semente?
- Virou cultura.
- Cadê a cultura?
- O homem colheu.

- Cadê o homem?
- Foi procurar mercado.
- Cadê o mercado?
- Tá aqui, ó!"

"Tá aqui!" - e belíssimas imagens em alta composição tecnológica mostram na tela o corpo da cidade prostituída apenas como objeto de mercado.*

A construção imaginária de Uberlândia reduzida a mercado me lembrou, por contraste, outra descrição. A descrição de Paris feita por W. Benjamin: "Paris é um grande salão de biblioteca atravessado pelo Sena ... Nenhum monumento nesta cidade no qual uma obra-prima não se tenha inspirado ... de todas as cidades não há nenhuma que se ligou mais intimamente ao livro do que Paris... Esta cidade se inscreveu tão indelevelmente na literatura porque nela mesma atua um espírito aparentado aos livros. Não terá ela preparado os motivos interessantes de sua edificação, de longa data, com tanto cuidado quanto um novelista experiente?". (BENJAMIN, 1987. p. 195)

Duas cidades, duas almas. Duas descrições, que mais revelam a diferença na sensibilidade dos que as descrevem do que propriamente das cidades descritas.

Mas em 1959 o repórter belorizontino continua seu depoimento: "Jamais este repórter presenciou espetáculo tão dramático. O menino Sérgio Paulo de Araujo, caiu ao nosso lado, varado por uma bala de fuzil, que o atingiu pelas costas, no pescoço ... a polícia atirava a torto e a direito, de fuzil, metralhadora e

* - Propaganda da cidade veiculada na TV Triângulo durante o ano de 1991.

revólver, tentando dispersar...". (ESTADO DE MINAS, 21/01/59)

Paulo Sérgio, 14 anos segundo um jornal, 15 segundo outro, filho mais velho de uma prole de oito irmãos, se irmana, vítima de exclusão, a Maria Eurípedes de Oliveira, 13 ou 15 anos na divergência dos jornais, também ela primogênita de oito irmãos. Ela, a Maria Fia no carinho familiar, foi atingida por tiro de fuzil na cabeça, quando atravessava a passarela sobre a linha de ferro da Mogiana. Outros feridos, entre os doze e os cinquenta anos, são elencados pelo jornal "O Triângulo". Dentre eles, Linda Crosara em estado muito grave.

A elite urberlandense se tranquiliza sobre o pressuposto da inevitabilidade do sacrifício, que no plano da necessidade se torna estruturante do equilíbrio e garantia da sobrevivência do todo social. Para a sociedade capitalista moderna, o bem desejável é o progresso contínuo e acelerado e o sacrifício de vidas humanas é um mal necessário e incontornável. Nas engrenagens inquestionáveis do desenvolvimento uberlandense são engolidas crianças e trabalhadores, desempregados e idosos, deficientes, doentes e loucos de todos os tipos. Enfim "os diferentes" da normalidade estabelecida, que são sacrificados no altar da exclusão. Exclusão silenciosa, necessária ao ajuste estrutural à racionalidade do mercado. Dizem que um reclamo de realismo impõe o sacrifício sem alternativa. Os excluídos não se adequam à ordenação da vida social, que é sagrada, pois soberana e absoluta.

Os proprietários empreendedores e seus familiares, bem como os trabalhadores comportados e seus familiares, cada um desses grupos tem seu lugar na trama social, desde que reconheça esse lugar "natural" se adequando à normalidade dessa cidade, über

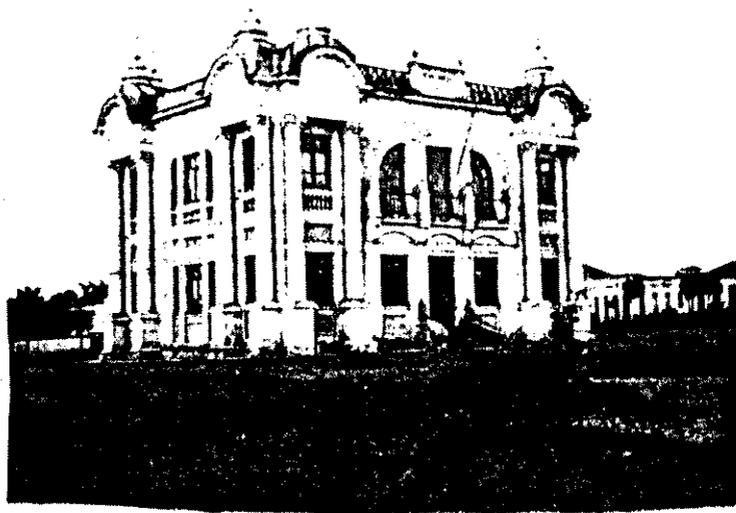
todas as demais.

Em "As Bacantes", Penteu é o administrador sábio, o guardião da ordem estabelecida, que necessariamente impõe harmonia. O racional Penteu encarna o peso da regulamentação institucional da cidade de Tebas. Em contrapartida, na tragédia grega, Dionísio é a exuberância do viver social, no sentido de excesso e transgressão das normas estabelecidas. Não que Dionísio represente a cristalização em um dos polos da realidade humano-social. É essencialmente recusa de submissão à tirania do estabelecido para transitar num vai-e-vem entre esses polos de intensidade e monotonia, de racional e de enigmático, de ordem e de espontaneidade, de trabalho e de ócio, que compõe a riqueza e a miséria do viver humano-social.

Na esteira de Penteu, as elites modernas recusam o vai-e-vem entre a perigosa pulsão de expansão e a busca de segurança e priorizam o controle e a disciplina, que mais favorece a manutenção de seus interesses.

Em Uberlândia, a burguesia clarividente quanto aos requisitos imprescindíveis à consecução e manutenção de seus interesses mercantis, foi "competente na formulação e implementação de um projeto de modernização do urbano e do rural, alicerçada numa engenharia política que foi capaz de exercer um controle rígido, baseado em peculiar ufanismo". (BRANDAO, 1989. p. 115)

O palácio dos leões, inicialmente sede do executivo e legislativo, hoje apenas do legislativo, se ergue sobre o alicerce de mortos do antigo cemitério desativado. Guardados por quatro leões, os administradores, há mais de setenta anos ditam leis e disciplinam a cidade nesse prédio inaugurado em 1917:



Nada mais sugestivo do que ditar ordens tendo por escabelo os mortos. Toda ordem, é no fundo, diz Canetti, uma sentença de morte e suas raízes remotas se perdem no confronto entre espécies diferentes de animais. A diferença de tamanho, dos recursos de ataque, do tipo de alimentação necessária, em síntese - diferença grande em força/poder - levou algumas espécies a se firmarem como ameaça de morte para outras. A simples presença de um animal que se alimenta de animal de outra espécie é uma ameaça de morte e ordena a fuga. "O rugir de um leão que sai à caça realmente é uma sentença de morte; trata-se de um som de sua fala que todas as suas vítimas entendem...". (CANETTI, 1983. p. 338)

No animal a ordem de fuga, provocada pela ameaça de morte, tem motivação biológica: defender-se daquele que pode matar, pode comer. Mas se a diferença de força/poder não for marcante, a ordem de fuga não será acatada e o animal poderá enfrentar o desafio do embate de forças, sem se submeter.

Aprendemos desde cedo a submeter-nos à ordem, exatamente quando quem ordena tem objetivamente muito mais força/poder do que a criancinha, que depende do adulto, antes de tudo para alimentar-se e poder sobreviver. Nesta fase a sobrevivência biológica está intimamente relacionada com a ordem. É por isso que aí se fundam os alicerces da sujeição, pois entre os seres humanos a relação de ordem e ameaça de morte foi ocultada pela domesticação, ao se afastar de sua origem biológica. Afastar a ordem de sua estreita relação com a setença de morte é domesticá-la, tornando-a mais "pacífica". Mas esse processo de domesticação se realiza por uma espécie de suborno, pelo qual se troca o alimento para a sobrevivência pela submissão. O suborno confere eficácia ao longo processo de aprendizagem da submissão, do assujeitamento à ordem recebida. É essa aprendizagem que confere estabilidade às relações de mando-obediência na ordem social estabelecida. Salvar da morte, manter em vida cria a configuração psíquica que predispõe à servidão "natural". "... a desnaturação da ordem de fuga biológica educa homens e animais (nos adestramentos) para uma espécie de cativo voluntário, do qual existem todos os tipos de intensidade e de nuances". (CANETTI, 1983. p. 342)

Esse cativo voluntário não é maciço nem compacto - ainda bem - e o assujeitamento à ordem nunca está completo. Por mais que as formas de suborno se aperfeiçoem e sofisticuem, o movimento rebelde da vida se intromete e não há ordem que não se sinta ameaçada por aqueles a quem o mando ameaça. Muito mais se a rebeldia é coletiva e interrompe o fluxo estável de mando-obediência, que compõe uma sociedade onde o ordenamento estrito é apregoado como condição do progresso desejável para todos, no grandioso

loquente discurso dos mandantes.

No saque de 59 pequena vitória da população foi não devolver as armas pilhadas ao Capparelli. É que se tratava de armas clandestinas e se o proprietário exigisse a devolução confessava o crime. Melhor perder as armas e não perder a reputação de comerciante honesto, com direito à indenização por parte do Estado, pelas perdas sofridas.* O cálculo dos danos poderia trazer lucro... Os jornais chegaram a alardear até 150 milhões de prejuízos. (CORREIO DE UBERLANDIA, 22/01/59) Mas retornando a Belo Horizonte, o delegado Raimundo Thomaz se refere, em entrevista, ao montante de 30 milhões de cruzeiros. (O REPORTER, 31/01/59)

No segundo dia do Quebra, os bens acumulados se transferiram, embora provisoriamente, de mãos proprietárias para mãos anônimas, na inversão social, que "recusa a submissão à tirania do estabelecido, aproveitando a excitação especial que resulta da aglomeração, provocando uma espécie de eletricidade, que se difunde rapidamente". (MAFFESOLI, 1987. p. 71)

Nada mais propício que a intensidade psíquica desse estado para o surgir de mãos terceiras. Mãos terceiras, de intermediários, aproveitadores, que na confusão febril, compram mercadorias saqueadas, bem abaixo do preço de mercado. "O Binômio", semanário de Belo Horizonte, denunciou os nomes atentos à oportunidade: o comerciante respeitado na cidade, Nicolau Feres - quem diria? - e o vereador Adormevil Moreira de Miranda, mais conhecido como Igreja - que ironia!

* - A versão de armas clandestinas não reclamadas é de tres entrevistados. O que faz supor que essa versão circulou na época.

No mesmo segundo dia, outro grupo se dirigiu aos depósitos da Esso Standart do Brasil. Dali seria fácil incendiar a cidade e o fogo completaria o simbolismo do rio. Porém, foram rechaçados por reforços policiais, que defenderam, não somente a Esso, como também os depósitos de gasolina Texaco, Shel e Atlantic, onde *"estão armazenados aproximadamente seis milhões de litros de inflamável."*

Como no primeiro dia do Quebra, foi a chuva tranquila que veio acalmar a multidão e interromper a explosão violenta.

Durante toda a noite as duas patrulhas rodoviárias que se ofereceram para colaborar com as autoridades policiais, fizeram o plantão volante, com a tarefa de impedir qualquer aglomeração nas vias públicas. Naqueles dias, três ou quatro pessoas reunidas na rua eram uma ameaça à "paz" e por isso estava proibido. Mesmo assim, corriam boatos ameaçadores, de que *o povo iria revidar a tiros a agressão feita pela polícia durante o dia e vingar a morte das duas crianças.*

2.3. Terceiro Dia do Quebra

A violência monopolizada nas mãos do Estado

*"Dois perigos mortais ameaçam a humanidade: a ordem e a desordem."
(P. Valery)*

"... durante toda a noite, duas patrulhas rodoviárias fizeram o plantão volante..."

Foi na terça-feira, vinte de janeiro que começou o terceiro dia do Quebra. Longo este terceiro dia, coordenado até hoje pela polícia e o judiciário. Mas não só.

De manhã bem cedo, a polícia já estava recolhendo mercadorias pilhadas e conduzindo os autores do saque à delegacia para registro do delito e abertura de inquérito. O ritual judiciário se instalara.

Em frente ao prédio da regional de polícia, *compacta multidão se aglomerava para ver a chegada (de minuto a minuto) dos depredadores conduzidos por viaturas policiais.* Com essa presença compacta, a multidão reivindica o direito de ser testemunha. Como outrora em cerimônias de suplicio de criminosos, verdadeiro espetáculo em praça pública. Espetáculo cuja realização requeria o povo espectador, como personagem principal. Espetáculo de violência, que em sua ambiguidade provoca repulsa e atração.

Reivindicou também, parcela da população, participar da caça aos saqueadores. Mais de 150 veículos se colocaram à disposição da polícia para capturar assaltantes e mercadorias. Seus proprietários, suponho eu, de classe média e alta, em defesa do mercado.

O que não deu certo nesse conluio entre polícia e população foi a formação de um corpo de cidadãos voluntários para atuar na repressão ao Quebra. A desordem foi tal que as autoridades da ordem policial tiveram que recuar e dissolver o corpo de voluntários, aspirante à força de repressão.

A violência em desordem das vésperas, forçada, cede lugar à violência da ordem policial e da ordem judiciária. A potência violenta que circulara no corpo da multidão, se acumula agora, monopolizada, no corpo jurídico-policial do Estado.

Violência - força ambigua, que transita da pulsão em des-ordem, como saudável potência social no Quebra, à contenção em ordem como poder de condenação e morte na justiça oficial.

"É impossível avaliar a intensidade de violência dos indivíduos e mais ainda a das sociedades", afirma Girard. (GIRARD, 1990. p. 33) E desenvolve a hipótese de que a violência, referência obrigatória de qualquer lógica social, é administrada basicamente por dois tipos de ritual. Em sociedades com sistema judiciário, o complexo ritual - com pretensão a status curativo - projeta colocar um ponto final em cada ciclo de violência, que deixado à mercê dos conflitos entre indivíduos, desencadearia escalada de vingança e provocaria destruição do grupo social. Outra é a dinâmica das sociedades sem sistema judiciário, onde rituais sacrificiais - preventivos e não curativos - absorvem o exêcesso

de violência, afastam a escalada de vingança recíproca e garantem a trama de relações do grupo social. Num como noutro caso, a violência subterrânea e latente é ingrediente indispensável de funcionamento social e de produção cultural. Tanto o ritual sacrificial como o ritual judiciário administram a violência e executam a vingança, cada um a seu modo. As explosões periódicas, frequentes nas sociedades com sistema judiciário "exprimem a irrepresível paixão de um desejo de viver social". (MAFFESOLI, 1987. p. 39)

O Quebra de 59 registrou aproximadamente 200 detidos, na média da diversidade dos jornais. Primeiro ato do ritual da violência judiciária - a detenção. Entre os detidos, Maria do Carmo, a Baiana. E outras Marias, como a Dionísia e a Abadia. Sem contar que era grave o estado de Linda Crosara, internada no Hospital Santo Agostinho, com uma bala encravada no pulmão. E na Santa Casa, Sebastiana Teodora de Jesus, atingida na cabeça por uma coronhada de fuzil, agonizava.

Em Uberlândia a ata da história do ritual, registra outra Maria, a Miquelina como hóspede inaugural da primeira cadeia pública na recém criada comarca de São Pedro de Uberabinha. Isso no final do século passado, na Rua do Cota - por causa do Chico Cota - hoje Rua Dom Barreto. Desta primeira ata, consta ainda que, no batismo popular, a cadeia ficou sendo "a Miquelina".



Primeira Cadeia Pública de Uberlândia
construída em 1891

A fragilidade das paredes de pau-a-pique é aparente. Por dentro são revestidas de pranchas de aroeira com cinco centímetros de espessura. São duas as celas com grades de ferro e sacramentam o isolamento para fora e para dentro. Numa delas havia um tronco de madeira e corrente de ferro e cadeado e argolões para disciplinar "presos perigosos", como informa Tito Teixeira.

Em 59, dos por-volta-de-duzentos detidos, permaneceram na prisão - não mais a Miquelina, é claro - uns por-volta-de-oitenta, para averiguação de culpa, conforme prescrevem as rubricas do cerimonial judiciário. Presidiu os interrogatórios, junto com o Delegado especial da capital, o tenente coronel Josino Ramalho Pinto, delegado da comarca. E Beethoven escrivão foi quem escreveu as respostas.

O Jornal "O Triângulo" guardou, para memória da cidade, o nome completo de trinta detidos, além dos nomes de mulheres, já citados. Entre os detidos, o Nicomedes Martins, o Bianor Silva e o Teodorico Borges. O Bianor e o Teodorico fizeram publicar nota, dias após, no "Correio de Uberlândia", esclarecendo ao público que foram "convocados à delegacia por denúncia falsa". Pelo sim e pelo não, não cabe a mim decidir, isso é lá com a tal dita "justiça". O certo é que outros nomes, de gente mais importante, foram sonegados pela proba autoridade do DOPS, vinda da capital, com o aval, certamente, do também probo delegado de Uberlândia, Dr. Josino Ramalho. A sonegação foi fecunda para o repórter. Valeu manchetes de primeira página em vários números do jornal "O Triângulo": "OS NOMES DOS GRANDES, DR. THOMAZ?", "CONTINUA O SILENCIO COMPROMETEDOR", "A MARMELADA SAI DO MARMELO". Verdadeira quebra de braço esta disputa entre o jornal e o representante da polícia judiciária da capital, na fase das investigações. Fase que, segundo a lei, pode exigir sigilo. O que a lei não prevê é direito de privacidade para uns e publicidade para outros.

Diante de interesses concretos da classe proprietária, a igualdade de todos perante a lei - igualdade abstrata e formal do Direito - cai por terra e impera desigualdade real. Real e feroz. Se as leis são ditadas pelos proprietários, eles podem também mudá-las pragmaticamente com a violência instituída nos próprios órgãos oficiais. Foi o que aconteceu em Uberlândia, onde a autoridade policial *agiu como dois pesos e duas medidas*. Omitiu o nome dos *receptadores*, na sua maioria pessoas que *desfrutam posição econômica e social em Cidade Jardim*, enquanto que a *raia miúda envolvida*, em cujo poder foram encontradas mercadorias saqueadas,

foi detida e sofreu sevícias de policiais. Seus nomes, além de serem anunciados a público, pela imprensa, ficaram fichados na polícia como ladrões, enquanto figurões eram recebidos em sala reservada pelo agente do DOPS e sofreram pequena admoestação, aliás amigável. Embora constasse na cidade que foram arrecadados 48% das mercadorias em poder de dois figurões.

Depois dessas insistentes críticas ao desenrolar-se das investigações, "O Triângulo" encerra o mês noticiando a posse do prefeito Mota Batista, o "Ladeira", que troca a voz de locutor da Rádio Difusora pela voz máxima de chefe do executivo municipal. Ao lado da foto do empossado, o jornal noticia outras vozes: "E voz corrente na cidade, que muito dinheiro correu, houve muito suborno, no sentido de excluir nomes de indivíduos culpados, indivíduos estes, pertencentes às altas camadas político-social-financeiras de Cidade Jardim". (O TRIANGULO, 31/01/59)

Mas não foi vã a denúncia jornalística. A mesma folha no dia 3 de fevereiro trazia entrevista na qual o Secretário de Segurança do Estado noticiava que o Dr. Raimundo Thomaz se afastara do Inquérito, já que "por motivo de interesse do serviço, dava por findo seu trabalho em nossa cidade".

Tarefa da polícia judiciária é investigar a infração e apurar a respectiva autoria, cumprindo a parte primária da administração da Justiça Penal. Nesta tarefa agiram juntos, sem se unir, Ramalho Pinto, delegado local, e os vindos de Belo Horizonte, Eustáquio Murilo e Raimundo Thomaz. Sendo este último o mais graduado.

Os entrevistados de hoje acenam a desentendimentos entre as autoridades policiais de jurisdições diferentes. Defendem

o delegado local e atribuem as arbitrariedades às autoridades vindas da "vizinha" Minas Gerais. Atas da Câmara Municipal* atestam que o vereador Homero Santos propôs, a seus pares, ofício ao Secretário de Estado, elogiando a atuação do Ten. Cel. Josino e do Ten. Murilo. Foi aprovado o elogio ao primeiro e recusado ao segundo, "porque usou e abusou da força em Uberlândia, espancando populares e agindo de maneira parcial". Além disso, continua a ata de 17/02/59, o "Ten. Murilo andou de porta em porta nesta cidade para obter dinheiro para manutenção de seus comandados, quando se sabe que o mesmo trouxe autorização de 100 mil cruzeiros para suas despesas". Estranhos os detalhes da administração de Justiça!

Não que o aqui ocorrido constitua exceção e que as práticas de administração da "Justiça" não impliquem atos de violência. Mas no caso, o próprio delegado ameaçou com a violência oficial quando da publicação de NOTA DA DELEGACIA, datada de 20/01: "... façam incontinenti e espontaneamente a devolução... a fim de evitar violência por parte da Polícia...". (O TRIANGULO, 21/01)

O "Correio de Uberlândia", mais contido nas críticas à administração da "Justiça" confundiu os conceitos: "Há muita injustiça dentro dessas injustiças todas... A polícia agiu como sempre age a polícia. Bateu, espancou, humilhou muitos... Esse o lado desumano da operação Quebra-Quebra". (CORREIO DE UBERLANDIA, 31/01/59)

* - A ata da Câmara Municipal citada se encontra em volumes encadernados no acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

O tal lado desumano puxou um fio perigoso da memória. Fio proibido e amaldiçoado. Trouxe João Relojoeiro para a ceia do Quebra. No pé da primeira página do Correio de 29 de janeiro consta do rotineiro recado "AO LEITOR": "A cidade está absolutamente calma após os trágicos acontecimentos... Só quero uma coisa. Que nos interrogatórios, nas acareações, nas investigações, todos se lembrem de João Relojoeiro. Que não se repita um caso idêntico agora com a polícia de Belo Horizonte trabalhando aqui".

João Relojoeiro gravou-se na memória social porque foi torturado e morto em vingança particular, embora estivesse preso e portanto sob guarda e responsabilidade do Estado, aguardando a vingança oficial.

Mas na noite do Quebra, a autoridade local, o Coronel Delegado, se dirigiu ao quartel e com o "sargento comandante do Destacamento procurou reunir todos os elementos da polícia para atender o estado das cousas ... reuniram todos os policiais possíveis, armando-os de fuzil". (INQUERITO, p. 3) Foi assim que o soldado José de Paula Dias declarou, sendo o primeiro interrogado. Porém, disse mais o José, que estando em escala normal de serviço, depois das 20 h de domingo, "saiu para a rua e ao chegar na avenida Afonso Pena, notou um movimento estranho e aglomeração ... e ficou inteirado pelos policiais da greve estabelecida contra as Empresas cinematográficas locais . e não somente os grevistas danificaram os cinemas, como ainda cometeram furtos...". (INQUERITO, p. 3 e 4)

O relato do Zé Dias cobriu também o segundo dia do Quebra: "... corre a notícia de que amotinados pretendiam atacar e saquear a Máquina de Beneficiar arroz do cerealista MESSIAS PE-

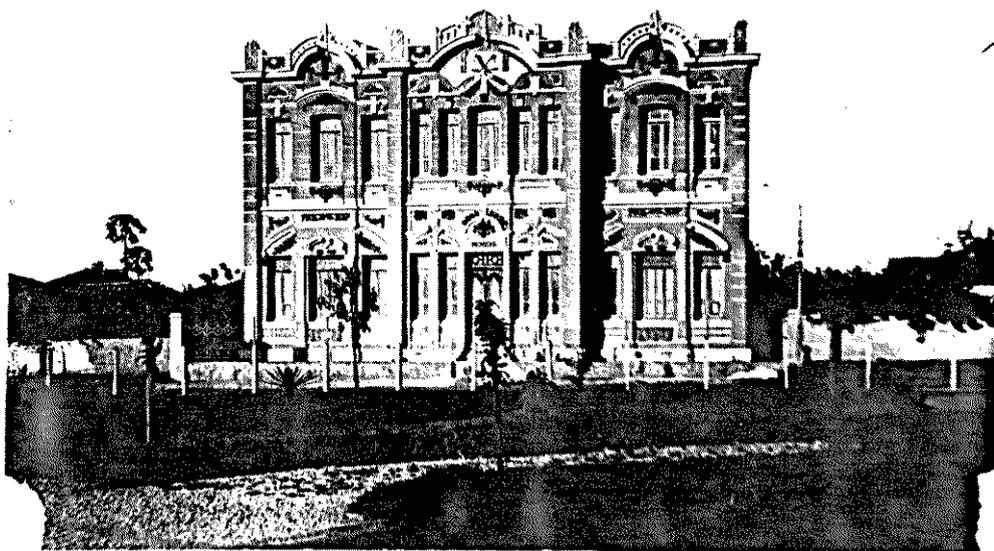
DREIRO e a Casa Caparelli do senhor CAPARELLI ... e o senhor Delegado mandou guarnecer essas duas Casas ... os grevistas em número de mais de mil ... a polícia fez descargas para o ar, até esgotar sua munição ... porém tudo foi debalde, a fúria era tremenda, indomável dos grevistas ... num grupo elevadíssimo de milhares de pessoas, inclusive mulheres e crianças ... a luta foi grande e se prolongou por várias horas...". (INQUERITO, p. 3 e 4) No espírito corporativo o José foi cuidadoso e detalhou direitinho, inocentando os colegas: "quanto aos dois mortos havidos, os feridos, as arruaças... esclarece o declarante não ter havido qualquer responsabilidade dos policiais, pois que fizeram êles disparos para o ar e não visaram a massa, acreditando mesmo o declarante que na desorientação dos amotinados, que fizeram disparos a êsmo, tenham eles mesmos ferido uns aos outros, mesmo ao atacarem a Casa Caparelli, lançaram mão em grande quantidade de armas e munições, conforme consta das apreensões procedidas pela polícia. Nada mais disse e nem lhe foi perguntado". (INQUERITO, p. 4)

O auto do interrogatório é parte das diligências, rubrica do ritual, que no dia 20/01, deu início o Coronel Delegado, publicando a Portaria, peça inicial do Inquérito. Isso porque o Quebra, conforme diploma legal, é crime de ação pública incondicional.

Inquérito complexo o do Quebra, que ocupou vários volumes, o que não é comum, visto ser ele, apenas peça pré-processual. O fato de ser volumoso faria supor facilidade em sua localização no arquivo geral do Fórum Abelardo Pena. Mas nem através da Direção do Fórum ou da Secretaria da 1a. Vara do Crime foi possível localizá-lo. No pico da hierarquia judiciária local, a Juíza

titular da 1a. Vara Criminal designou funcionário aposentado, dono do cartório na época do assim chamado delito, que disse conhecer bem o volumoso Inquérito. Enchi-me de expectativa. Mas qual nada. O Inquérito não apareceu, mesmo depois de meses de andanças, diárias em algumas semanas, pelos corredores frios do pesado fórum local. Seu Fábio, o designado, muito atencioso, parece que foi diligente. Depois de algumas tardes de laboriosa procura no arquivo geral, tendo separado os autos por décadas, se deu por vencido: "Pode procurar outro subsídio para a pesquisa. O Inquérito não está mais no arquivo. Sumiu."

E sumiu do Palácio da "Justiça" Rondon Pacheco, terceira sede do judiciário local, inaugurado em 22/10/1963. O palácio atual remete ao outro palácio, na antiga Praça da República, de arquitetura neo clássica.



Aí funcionou, a "Justiça" cerca de 40 anos (1922-1963). Mas bom mesmo é escavar a memória da cidade e lembrar a primeira sede do judiciário da Comarca de São Pedro do Uberabinha, na Rua Marechal de Deodoro, onde funcionou de 1892 a 1922. Um largo portão com esquadria de aroeira, encimado por cúpula telhada, dava entrada ao pátio da frente. Ao lado do portão um grande sino anunciava ao público a abertura das sessões do júri. Registra Tito Teixeira que o primeiro oficial de justiça da comarca, Francisco Dantas Barbosa, o Chico Dantas, debruçava-se no parapeito da janela da frente, fazia soar o sino e gritando para a rua anunciava: "está aberta a audiência do Meritíssimo Juiz de Direito! ... Quem quiser requerer, chegue!..." (TEIXEIRA, 1970. p. 82, 2 vol.)

Hoje é outro o ritual, mas a "Justiça" é a mesma. E o Inquérito sumiu.

As trinta primeiras páginas do interrogatório, xerocadas, consegui com um amigo, que conseguiu com uma Juiza, hoje de outra Comarca, que o teve nas mãos, faz dois anos. Nessas buscas impacientes, me senti injustificada. Seria sonegação?

Impossível também localizar nas secretarias das varas cíveis o processo de ação de indenização movida pelos proprietários-ofendidos contra o Estado. Embora o interesse do titular da 3a. Vara Cível, tenha encontrado no livro de registros, que a Ação foi ajuizada em nome do autor titular "Pedreiro Exportação e Importação Ltda." sob n 1.165 no dia 30/04/59, contra o Estado de Minas Gerais e a Prefeitura de Uberlândia, o processo não apareceu.

Todo esse percurso de buscas e frustrações é apenas uma das faces do terceiro dia do Quebra, que se prolonga até hoje

e mantém o sigilo, não imparcial, que envolveu o Inquérito. É possível escavar a memória de Uberlândia a contrapelo dos interesses dos donos do poder local?

Os autos da ação persecutória, por determinação legal são regidos por princípio de publicidade, que garante a qualquer cidadão "pedir vistas" a um processo, desde que o faça em cartório. Porém na ordem burguesa, acima da lei escrita há muito de sigilo e de poder, embora a "res" seja pública. "O segredo está no núcleo do poder ... uma boa parte do prestígio de que gozam as ditaduras deve-se ao fato de lhes ser concedida a força concentrada do segredo". (CANETTI, 1983. p. 323 e 329)

Privilégio de poucos, o segredo partilhado é participação no poder. É por isso que documentos públicos sob a guarda legal de autoridades judiciárias, ditas agentes da Justiça, na prática são também propriedade dos que detêm o poder político-econômico e se comportam como donos exclusivos do município. Donos de seu passado, sua história, sua memória.

Interessante observar a tentativa de calar a polifonia de sentidos e impor ao Quebra a monofonia oficial. O "Correio de Uberlândia" de 22 de janeiro de 1959 tem a arrogância de estabelecer o já-dito absoluto para a memória da cidade. Apresenta a "VERDADE EM SINTESE: De como deve ser interpretado o acontecimento de 2a. feira na Av. João Pessoa". Depois dessa indicação, longo artigo explicita o sentido oficial. E conclui autoritário: "Que se interprete, quando for contada a história desses fatos, de maneira exata a situação: houve duas correntes. Uma de complexados de nervos à flor da pele. Outra de malandros, que saquearam e roubaram a propriedade privada".

Destruída foi em grande parte a memória arquitetônica de Uberlândia, no afã de estabelecer uma urbanização toda "moderna". Mal conservada, e destruída até, a memória arquivada, ou não, no afã da produção política de uma identidade unificadora grandiloquente. Identidade que tenta calar conflitos, pela força de uma entidade metafísica, que salva da situação de desamparo e alijamento os sujeitos concretos desintegrados, sob o peso de crescentes relações mercantis.

Mas nas trinta primeiras páginas do Inquérito, que escaparam ao segredo, declaram, além do Zé Dias, policial testemunha, cinco ofendidos e dezessete indiciados. Ofendidos e indiciados, porque se trata da primeira fase da atividade persecutória do Estado. Na segunda parte - Ação Penal - indiciados e ofendidos se tornam Réus e Autores do Processo propriamente dito.

A primeira fase da persecução tem dois aspectos distintos e articulados. Um deles é factual, o desenrolar-se dos atos. Primeiro a "notitia criminis", depois a publicação da Portaria. Vem em seguida uma série de diligências: exame do "locus delicti", coleta de provas, apreensão de instrumentos, e interrogatórios. Aí termina o aspecto mais factual, visando a apuração da existência de infração penal e a respectiva autoria. Vem então o segundo aspecto, que é a composição da peça do Inquérito, em que se reduz a sequência das práticas a um instrumento letrado e datilografado, com relatório de conclusão. Qual teria sido o teor de conclusão da autoridade policial?

Na apreensão de mercadorias as autoridades policiais foram pressurosas. Serviram-se primeiro de apelos por rádio, jornais e alto-falantes nas ruas. Depois serviram-se de ameaças,

invasões de residências e até propostas de perdão. Perdão para quem devolvesse tudo direitinho. Nem era preciso se expor, bastava abandonar o produto do saque no pátio da Mogiana, próximo aos Armazéns Gerais. Foi um corre-corre agitado. Dizem que no mais escuro da noite, muitos Zé Silva da vida, apavorados de medo, despejaram grãos preciosos, em ruelas, becos e descampados. Outros, de nomes menos comuns, providenciaram transporte de sacas e mais sacas de receptação culposa. Teria sido esse o caso do transporte em caminhão de 127 sacas de arroz feita pelo Franqueiro, contratado por um Pereira, para levá-las até a chácara do Jordelino? Conforme o depoimento de um tal cerealista Macedo, a resposta é não. Pois o Pereira comprara dele o arroz e na tarde do saque, providenciou o transporte para a chácara como medida de precaução e defesa.

A crítica violenta da imprensa, caracterizou as investigações como *cheias de atropelos, erros e mesmo incompetência* o que a levava a concluir que *muito dificilmente alguém poderia receber qualquer pena pelo acontecido*. Porém há de se convir, pelo menos deduzindo das declarações dos 17 primeiros interrogados que a quase totalidade deles era absolutamente inocente neste Quebra. Foi assim que declararam com veemência.

Miguel, do Salão Progresso, por exemplo, não sabia explicar quem jogara um saco de arroz e outro de feijão, dentro de sua barbearia. E o Hermenegildo, coitado, estava tranquilo "no interior de sua casa quando por ali passaram uma série de pessoas em desabalada corrida, tendo duas delas jogado dentro do portão" os sacos de mantimento.

Já o comerciante Oswaldo, o viúvo, contou que estava em seu armazém, quando apareceu "um pretinho que o declarante

não conhece e lhe ofereceu um saco de feijão tipo roxo, todo misturado, pelo valor de 100,00. ... Que ele tem o costume de comprar mercadorias de diversas pessoas conhecidas ... Que não pode dar nenhuma informação quanto ao condutor da mercadoria, pois o mesmo é completamente desconhecido. Nada mais disse e nem lhe foi perguntado".

O açougueiro Sarkis, morador do bairro lá das Tabo-
cas*, apenas observou de longe, "não adotando - ele próprio - ne-
nhuma idéia extremista ... e também não incentivou ninguém para
atacar qualquer casa comercial ou industrial e nunca teve prêso,
como também nunca foi processado".

José Santana, com 10 anos de carreto, teve sua casa
revistada e revirada. E que deixara sua carroça em frente à Casa
Predial, enquanto fazia umas compras. Ao sair da loja, para sua
surpresa, encontrou em "sua carroça, um saco de arroz em casca,
dois de feijão e um de café". Quem teria feito aquilo só para in-
criminá-lo?

Um ajudante de caminhão ia voltando para casa,
quando ao passar, distraído, pelo local da greve, "vendo que uma
caixa caiu próxima de si, passou a mão na mesma e a conduziu até
sua residência, ignorando o seu conteúdo"... Só depois o Marcelino
descobriu que se tratava de uma espingarda, mas "o declarante es-
tava preparando para vir entregar o citado objeto quando foi deti-
do pela polícia".

A forma das negativas põe a nu o medo presidindo os
interrogatórios. E como se pode deduzir das declarações do Inqué-

* - Atual bairro Bom Jesus.

rito, todos são inocentes. Confessar, confessar mesmo, só o cisterneiro Joaquim, o único analfabeto. Ele não participou do Quebra, mas confessou que ao se dirigir a casa para o almoço, viu que a Casa Capparelli "estava sendo assaltada e ali entrando apanhou duas bacias, que levou consigo, porém, foram apreendidas pela polícia". Duas bacias apenas. E o Joaquim confessou.*

Além desses indiciados, aparece também no Inquérito, a fala dos ofendidos. Reza o termo de declarações em sua página dez, que o declarante-ofendido, Nicomedes Alves dos Santos, acusou Afrânio Rodrigues da Cunha, prefeito em final de mandato, de ter dado ordem para que os policiais se recolhessem. O que seu gerente de cinema, confirmou. Curioso é que o gerente ao ouvir suas declarações já transcritas, titubeou. E então "em tempo, o declarante deseja esclarecer, onde fez referencias ao sr. Afrânio Rodrigues da Cunha, Prefeito Municipal desta Cidade, que, seu conselho ou ordem para que a polícia se retirasse, foi provavelmente com boas intenções, mesmo porque, sabe que, se trata de uma pessoa realmente boa, dotada de boas virtudes". Não convinha a Teodolino entrar claramente na briga entre Nicomedes e o Prefeito. Ainda mais que essa era briga antiga, entre os dois partidos, que disputavam o direito de primazia no controle político do município.

O grande comerciante atacadista e o grande comerciante cerealista, ofendidos, disseram-se "perplexos com a ocorrência do Quebra. E declaram-se ambos, possuidores das virtudes da modéstia e da honestidade, embora tenham os dois, deixado a modéstia à parte, para poder declarar. O Messias ainda confessou-se ge-

* - As afirmações entre aspas nos 6 últimos parágrafos são do Inquérito.

neroso e imparcial, pois "vem exercendo suas atividades comerciais procurando fazer o bem sem olhar a quem". (INQUERITO, p. 5)

Certo é que palavra de ofendido, sujeito passivo do crime, "tem valor probatório relativo, em face do interesse que tem na relação jurídico-material. Mas, às vezes, sua palavra é de extraordinária valia, pois constitui o vértice de toda prova, como sucede nos crimes contra os costumes". (TOURINHO, 1986. p. 216)

Crime contra os costumes o Quebra não é. E sim, na jurisprudência, crime multitudinário, não nomeado no Código Penal Brasileiro, mas parte da assim chamada "lei branca". Crime multitudinário - cometido pela multidão - difícil de ser apenado.

Mesmo num sistema social em que a norma fosse a vingança privada, não seria fácil para ofendidos tomarem iniciativa de fazer justiça (leia-se vingança) com as próprias mãos, contra uma multidão. Mais difícil ainda numa sociedade com sistema judiciário estabelecido, sendo o Estado o detentor oficial exclusivo e absoluto do direito de vingança. No primeiro caso a vingança é sumária e pode desencadear a tão temida espiral da violência incontrolável. No segundo caso é preciso um respeito mínimo às normas racionais do cerimonial, já que o refrão é rasteiro: "nulla poena sine iudicio".

O processo penal é oficialmente "o ato mediante o qual o Estado chama a si a tarefa de administrar a Justiça". No entender do professor Tourinho ele é um "verdadeiro substitutivo civilizado da vingança privada". (TOURINHO 1986. p. 249) Não mais fazer vingança com as próprias mãos, trata-se de fazê-la com as mãos indeterminadas do Estado, mantendo as próprias mãos imaculadas. Mãos vingativas do Estado, mãos indeterminadas, mas tão for-

tes, que não admitem réplica e julgam-se capazes de pôr um ponto final na tendência de expansão contínua da vingança privada.

O dicionário de semiótica confirma a aproximação de justiça e vingança como atitudes pragmáticas, exercidas por quem se considera "dotado de um poder-fazer absoluto" que só não se confundem porque o agente de uma é social, enquanto o da outra é agente individual.

Uma vez concluído, o Inquérito do Quebra de 59 foi ajuizado no Fórum Abelardo Pena. O meritíssimo Juiz, cômico de sua tarefa, despachou com "vistas ao Ministério Público". Estava assim iniciado o Processo propriamente dito. Na sequência das formalidades, o Promotor titular, examina os autos do Inquérito para a formação da "opinio delicti", tarefa que lhe outorgou o Estado e para a qual lhe concede o prazo de até seis meses, se for preciso. Nesta tarefa de exercer o "jus accusationis", cabe-lhe e só a ele, oferecer a denúncia, conforme estalece a lei: "Nos crimes de ação pública esta será promovida pela denúncia do Ministério Público" (CPP art. 24). É portanto, com o oferecimento da denúncia pelo Promotor, que está instaurada oficialmente a Ação Penal Pública.

Para Tourinho, assim como "a autoridade policial é obrigada a proceder às investigações preliminares, o órgão do Ministério Público é obrigado a apresentar a respectiva denúncia, isto é, a deduzir em juízo a pretensão punitiva, desde que se verifique um ato aparentemente delituoso". (TOURINHO, 1986. p. 39-40) A nos guiar por julgamentos costumeiros da Justiça, mais que aparentemente delituoso é o Quebra. Contudo o Senhor Promotor requereu ao Senhor Juiz o arquivamento do Inquérito. Se houve justificação, conforme exige a lei ou se o promotor optou por uma la-

cônico "pelo arquivamento", não posso saber, pois o Inquérito sumiu. E o segredo de Estado não permitiu tal devassa da "res" pública.

O Juiz por sua vez, fiscal que é, do princípio de indisponibilidade, pode acolher ou não o pedido de arquivamento. Isso para evitar que o arquivamento seja resultado de "sentimentalismo piegas ou de injunções políticas". (TOURINHO, 1986. p. 253)

E verdade que há divergência dos estudiosos do Direito, na interpretação da dita objetividade da lei. Tourinho defende a aplicação absoluta do princípio de obrigatoriedade, conveniente ao "nec delicta impunita". Com isso ele exclui o antagônico princípio de oportunidade, que afinal permite que um órgão encarregado da persecução, se abstenha de atuar, alegando motivos de conveniência ou utilidade social. Já outros autores, citados pelo próprio Tourinho, interpretam que o artigo 28 do Código de Processo Penal, permite ao Ministério Público requerer o arquivamento "mitigando o princípio da obrigatoriedade e invocando motivos de oportunidade". (TOURINHO, 1986. p. 40-41) Tal atitude, no entanto, "sob a ponto de vista político parece responder melhor aos postulados das ditaduras totalitárias". (TOURINHO, 1986. p. 40)

No caso do **Quebra** o Senhor Promotor requereu o arquivamento, que o Meritíssimo Juiz acolheu e sancionou. Mas tanto o advogado da vítima como qualquer cidadão pode recorrer à Corregedoria com intento de desarquivar os autos da investigação e fazer andar um processo.

Que interesse oculto - ou a essa altura já claro? - falou tão alto, que os proprietários se calaram, mesmo que a contragosto e arquivaram o interesse subordinado de punir os delin-

quentes?

Que razões do "Direito" moveram o Senhor Promotor a pedir o arquivamento do Inquérito? Que razões levaram o Meritíssimo Juiz a acatar o pedido? E o Doutor Corregedor, o que o levou a se omitir? Seriam os interesses dos populares envolvidos, os expropriados de quase tudo, os donos de quase nada? Ou os interesses de outros grupos? Quais são afinal os interesses objetivos da "Justiça"?

Os proprietários de grãos e silos de armazenar, de frigoríficos exportadores e empresas agro-industriais, os proprietários de gado Gir e Nelore, bem como os proprietários de lotes urbanos estocados; proprietários também do poder de ordenar, legislar e julgar ainda cultivam, aqui, um sonho ousado. Sonham ser os proprietários exclusivos de construções do imaginário, sonham ser os donos da produção de sentidos. Até certo ponto o conseguem. Em parte tem sido assim ao longo deste terceiro dia do Quebra. Dia de subordinação ao medo da repressão, dia de disciplinarização de um "povo ordeiro"* , dia de normatização de tempos e espaços, gestos e vestes, de sentires, pensares e falas, definidos para cada prática. Dia de submissão afagada no orgulho de se sentir parte dessa entidade grandiosa - Uberlândia - "über" qualquer outra. Essas amarras amadas tecem o longo terceiro dia. Dia da "im-ponência da construção pesada e fria do comprido bloco de concreto suspenso por baixas pilastras, que brotam do chão e se afinam para sustentar o corpo inerte do fórum Abelardo Pena. Corpo de minério, rente ao chão, sem cor nem respiração".

* - "Povo ordeiro e trabalhador" é expressão usual do atual prefeito, Virgílio Galassi quando se refere aos uberlandenses.

Dia enquadrante o terceiro dia do Quebra. Mas até certo ponto. Porque a pulsão vital fura o cerco e produz sentires outros, significados rebeldes, práticas insubordinadas. Ingredientes igualmente, do terceiro dia do Quebra. A pulsão violenta da vida não desiste e tece irreverente o mito de Dionísio. Até certo ponto é assim o terceiro dia do Quebra. Nele as sibipirunas jogam flores no chão, desenhando mandalas amarelas.

O Fórum e a Sibipiruna são aqui metáfora da luta eterna do sábio Penteu e do turbulento Dionísio. Metáfora da imbricação do instituído e do fluir. O instituído, se é mortífero por um lado, por outro protege a vida contra o excesso de tensão - é ordem. A efervescência da pulsão emergente é extremamente vitalizante por um lado e por outro pode perder-nos em dispersão - a desordem.

Ordem e Desordem co-instituintes da cidade, como também de qualquer agrupamento social. Avesso-e-direito, direito-e-avesso da trágica condição humana, que só é sendo social.

É assim que Uberlândia vive seu terceiro dia de Quebra, "aos pés da sibipiruna e do poder judiciário. O sangue que pulsa nas artérias da cidade escorre dessa dupla fonte. Da sibipiruna, a seiva forte da vida teimosa, que rebenta prisões de concreto e asfalto e germina em qualquer brechinha de húmus e ar. E esperneia pela liberdade, e ousa acreditar em direitos, e dá asas à violência do desejo: garante o sonho e a criação. Do judiciário, a seiva pegajosa e arrogante que passa pelas batidas do martelo e pretende colocar ponto final em cada ciclo particular de violência. É ordenar a cidade, e hierarquizar os grupos sociais: garantir o progresso."

III. MARGENS E LEITO QUE DERAM FORMA AO CURSO DO MEU PENSAR

O processo de produção de sentidos que se materializa nessa dissertação é tao velho quanto minha vida consciente e desliza como as águas de um rio contido por margens diversas, desde formulações teóricas examinadas até contatos com pessoas várias, passando pelas mudanças econômicas e políticas ocorridas na sociedade, ao longo desses tempos de história. Parcela desse fluir se agitou com estranheza no encontro e convivência com a sociedade uberlandense.

Conviver com Uberlândia, pensar Uberlândia é esbarrar num corpo onde se encontra uma complexidade contraditória. Uberlândia é produção de bens materiais, regulada pelo capital comercial, na dinâmica nervosa da economia local, articulada desde os inícios com a economia nacional. É produção centenária de bens simbólicos nos laços sociais amarrados por conservadorismo mal disfarçado, na dinâmica restrita da política local. Na produção material da cidade engenhada coletivamente em laboriosas relações de poder, Uberlândia é, nos objetivos dessa pesquisa, sobretudo, produção de significados múltiplos, centrada na representação social dessa própria complexidade-intensidade, que chamo simplesmente Uberlândia.

Nessa co-produção econômico-político-social, que constitui a cultura uberlandense, é que se instala minha interrogação. Por que os seres humanos se degladiam entre si, embora se configurem sempre em agrupamentos, quer sejam sexuais, comunitários, de nações ou Estados? Sempre houve configurações sociais e

sempre houve disputas - abertas ou não - entre os humanos. Parece que as configurações sociais humanas vão se firmando com certo êxito ocultando as rivalidades existentes.

Uberlândia se me afigurou desde os primeiros contatos, como um êxito, mesmo se frágil, de configuração social, na ocultação de conflitos. A relação dos uberlandenses com a cidade é mediada por imagens de triunfalismo, que atuam como significativo componente equilibrador da instável dinâmica de coesão social. Esse ufanismo acentuado me causou estranheza e me fez sentir a cidade como "metida a besta".

O saque aos cinemas e armazéns, ocorrido na cidade em 1959, objeto imediato desta pesquisa, se constituiu como fenômeno pertinente e pretexto para mergulhar minha interrogação nas raízes fundantes da violência, que estrutura a cidade para além do fenômeno do Quebra.

Para não me perder no mergulho contei fundamentalmente com a teoria de René Girard sobre a violência fundadora e a análise que faz de seu papel na gestação continuada da ordem cultural. O texto de Girard A violência e o sagrado se coloca nesse meu trabalho, como margens e leito direcionando o fluir do meu pensar sobre os dias de violência em Uberlândia.

E verdade que leito e margens delimitam a correnteza de um rio. Verdade também que o movimento das águas interage com margens e leito. Os três, condição necessária à existência do rio.

É o texto de Girard que dá coerência subterrânea à aparente dispersão do curso de associações e articulações que fluem do meu contato com o Quebra. Associações e articulações que

constituem um esforço de aproximação da violência real e consequente reconhecimento da dimensão trágica do vivido. Esforço e reconhecimento que me salvam do não-sentido e abrem passagem à palavra.

Girard tem a coragem de propor uma antropologia geral intrigante, que me moveu em várias direções. Não busco nele um esquema para interpretar o Quebra, nem uma autoridade para balizar conclusões. Como há uma aproximação necessária entre o rio e suas margens, dialogo com as intuições fundamentais de Girard. Também não as assumo sem mais. Elas iluminam minhas idas e vindas no tempo histórico uberlandense, constatando aparições e ocultamentos de violência. A construção teórica de Girard é o leito-mestre, que orienta meu jeito de construir significações. Porém, de outras margens e leitos-auxiliares, afluem outros autores, que cruzam nosso diálogo e entram na correnteza.

Em sua proposta de compreensão do fenômeno humano, Girard analisa a violência e seu funcionamento no nascimento da ordem cultural. Para ele, violência é tensionamento inerente à condição humana. O mecanismo compulsório desencadeador da violência é tipicamente humano, distinguindo-se do instinto animal, pois este é auto-regulável. A violência instituinte da ordem social, tem raízes no caráter desejante do ser humano.

O sujeito desejante não é anterior ao encontro com outro sujeito desejante. É exatamente aí, nessa relação, nesse "entre", que os sujeitos se produzem reciprocamente. Produção social, portanto. Aqui, nesse aspecto "puntual", Girard se aproxima da dialética hegeliana. Hegel define a consciência-de-si como desejo imperioso de reconhecimento. Reconhecimento esse, que só pode

se efetivar por outra consciência-de-si. Trata-se de verdadeira luta, necessária a cada consciência-de-si, para afirmar-se como sujeito autônomo. Por isso é uma luta contra o outro, no impulso de afirmação, que paradoxalmente, só pode se dar no reconhecimento da alteridade. O reconhecimento se perfaz, não antes, mas necessariamente no e pelo confronto de desejos conflitantes, que nesse mesmo ato, se instituem reciprocamente sujeitos autônomos. Violência portanto. Vale citar aqui o grande mestre na leitura de Hegel, Jean Hyppolite: "La vocacion espiritual del hombre se manifiesta ya en esta lucha contra todos, pues esa lucha no es solamene una lucha por la vida (iso é pelo fluir), sino una lucha por ser reconocido, una lucha por probar a los otros y probarse a si mismo que se es una auto-consciencia autonoma, cosa que sólo se puede a uno mismo si se prueba a los otros y se obtiene de ellos dicha prueba". (HYPPOLITE, 1974. p. 154)

Vemos assim que o desejo humano é violência que esbarra em outro desejo violento, percebendo-se ambos como ameaça recíproca. Essa dinâmica desejante, se por um lado distingue o ser humano como diferença radical entre os demais seres do universo, por outro lado, também o radica solidamente no cosmos, que para Nietzsche é força em expansão. "Sabeis o que é para mim, o 'mundo'? Devo mostrá-lo a vós em meu espelho? Este mundo: uma monstruosidade de força, sem início, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuda, inalteravelmente grande em seu todo, uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimos, ou rendimentos, cercada de 'nada' como seu limite, nada de evanescente, de desperdiçado, nada de infinitamente extenso, mas como força

determinada posta em determinado espaço, e não em um espaço que em alguma parte estivesse 'vazio', mas antes como força por toda parte, como jogo de forças e ondas de força, ao mesmo tempo um e múltiplo, aqui acumulando-se e ao mesmo tempo ali minguando, um mar impetuando e ondulando em si próprias, eternamente mudando, eternamente recorrentes, com descomunais anos de retorno, com uma vazante e enchente de suas configurações, partindo das mais simples às mais múltiplas, do mais quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo, e depois outra vez voltando da plenitude ao simples, do jogo de contradições ao prazer da consonância, afirmando ainda a si próprio, nessa igualdade de suas trilhas e anos, abençoando a si próprio como Aquilo que eternamente tem de retornar, como um vir-a-ser que não conhece nenhuma saciedade, nenhum fastio, nenhum cansaço: esse mundo dionisiaco do eternamente criar-se-a-si-próprio, do eternamente destruir-se a si próprio, esse mundo secreto da dupla volúpia, esse meu 'para além do bem e do mal', sem alvo, se na felicidade do círculo não está um alvo, sem vontade, se um anel não tem vontade consigo mesmo, - quereis um nome para esse mundo? Uma solução para todos os seus enigmas? Uma luz também para vós, vós, os mais escondidos, os mais fortes, os mais intrépidos, os mais meia-noite? - Esse mundo é a vontade de potência - e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência - e nada além disso!". (NIETZSCHE, 1978. p. 397 & 1.67)

Essa página de Nietzsche se associa ao texto de Girard e qual leito-auxiliar amplia o curso de meu pensar.

A violência do cosmo é luta de sobreviver e expandir-se, força imanente ao existir. Mas no ser humano em seu fluir,

é violência-desejo, que aprofunda raízes na finitude, tomando consciência de si. Violência não pela violência, pois não visa a destruição - mesmo quando destrói - mas é desejo de ser, impulso de realização. É condição humana, que transcende a moral. Nem mal nem bem, simplesmente é assim em sua fragilidade. Fragilidade que é limite aberto ao ilimitado. Nessa finitude - limite de seres desejantes que somos - choques, confrontos, por vezes destruição, são contingências inevitáveis. Na corda bamba dessa ambiguidade, importa caminhar, responsáveis todos pela ordem cultural, que tanto potencializa a concorrência fratricida e sufoca a solidariedade, quanto potencializa a cooperação solidária e abranda o desejo de suplantação. Ordem cultural trágica, que traça nosso destino em brechas de liberdade.

A análise de Girard cava fundo no que considera peculiaridade do desejo humano. É seu intrigante mimetismo. E não se atinge essa peculiaridade na face empírica da união de sujeitos desejantes e objetos desejados, aparentemente determinantes do desejo. Ainda mais que esses objetos se apresentam como que carregados de valor intrínseco. Apesar da determinação aparente, não são os objetos que propiciam o movimento do desejo. O desejo é de natureza mimética - desejamos porque o outro deseja - e a própria voracidade violenta valoriza o objeto, justificando a mimese e situando o ser humano num ciclo sempre renovado de rivalidades.

Entra aqui a conhecida citação de Hobbes. Também ela aflui de forma bem "puntual". Sem querer defender a existência histórica de um estado de natureza, Hobbes afirma que "todo homem é lobo do homem", envolvido numa "guerra de todos contra todos". Aqui não se trata de afirmar o ser humano como animal irracional,

pois este, ao contrário daquele, é auto-regulado. Trata-se de afirmar o dilaceramento trágico do homem governado por impulso violento, que se dirige a todos e contra todos. Nesse jogo de violência o homem não teria como sobreviver, pois a cólera de rivais, a vingança desencadeada, provocaria a destruição de todos, se não fosse a eclosão da ordem cultural, que administra e domestica a violência.

Assim, tanto para Girard como para Hobbes, a violência é força motriz na gestação da socialidade. Girard enfatiza a ambiguidade dessa violência inaugural. Maléfica, enquanto destrói uns. Ao mesmo tempo benéfica, já que salva todos os outros da destruição.

A abertura e acolhida da ambiguidade - bem/mal - constitui a dimensão religiosa em sua acepção mais fecunda. Dimensão religiosa como uma esfera, necessária entre outras, à produção do ser humano social e não propriedade desta ou daquela instituição religiosa.

Para exorcizar a violência terrível - por isso mesmo sagrada - as sociedades "primitivas" recorreram ao sacrifício ritual. São os sacrifícios rituais que purificam a sociedade da violência generalizada, desviando-a para concentrá-la, com toda sua intensidade, sobre a vítima sacrificial. É contra a vítima de exclusão que todos despejam sua agressão. Como fruto desse ritual de sangue derramado, derrama-se também sobre o grupo humano a coesão pacificadora. A vítima sacrificial, bode expiatório, salva o grupo da destruição total e nesse mesmo ato, transmuda a violência maléfica e destruidora em violência benéfica, redentora. Outra vez sagrada. Instituinte de cada sociedade, a violência que funda a

ordem cultural, não a funda de uma vez por todas, mas inventa sempre novos rituais e elege novas vítimas substitutas. Assim triunfa a cada vez, o apaziguamento da cultura, através de rituais de exclusão, conservando o desconhecimento do objeto da violência.

Não que tudo isso seja fruto de decisão lúcida. Exatamente o desconhecimento acerca do deslocamento do objeto da violência é fundamental para a eficácia do ritual que oculta esta violência recíproca.

Estruturante de cada sociedade, a violência inaugural se perde em origens míticas e nunca saberemos se linchamentos fundadores se efetivaram ou não. Por outro lado, exatamente o lado que nos atinge de perto, constatamos diariamente, nas mais diversas configurações sociais, que a violência ocultada espreita latente, mesmo sob a domesticação a que é submetida pela ordem cultural. Não apenas espreita, muitas vezes extravasa e esgarça o tecido social, a partir de objetos fortuitos, denunciando um impulso palpitante nos subterrâneos de qualquer cultura.

Na tecidura do cultural todas as sociedades conhecem períodos de crise sacrificial, em que a rivalidade apaziguada, aflora na abolição de diferenças sociais, na quebra das barreiras e hierarquias. E a ordem cultural é posta sob julgamento, no próprio desenrolar-se da crise. Todas as sociedades conhecem também festas, que são rituais de fecundação e vivificação do conviver social. As festas tem uma vinculação com rituais sacrificiais. Antes são uma preparação do rito do sacrifício, também ele revestido do poder de vivificar a coesão grupal. Quando a coesão é mais estreita pressente-se de perto o perigo de perdê-la.

O tema de festas que acabam mal, frequentemente veiculado em obras de arte, literárias, teatrais ou cinematográficas, bem expressa essa interpretação girardiana. Um dos exemplos é o cineasta Buñuel, sensível à crise que ronda a sociedade contemporânea, cuja decadência denuncia, entre outros o esquecimento do sagrado - desconhecido, aterrador - esfera obscura de nosso existir histórico, que a racionalidade não esgota e que tem a ver com a sobrevivência social. O filme "O Anjo Exterminador" se presta admiravelmente a essa leitura e aponta para toda a obra do autor.

Buñuel, chamado por Jacques Demeure "poeta da crueldade", sob a temática explícita de seus filmes, revela temas de grande profundidade, visando "uma verdade transcendente à moral e à sociologia: uma realidade metafísica, a crueldade da condição humana". (BAZIN, 1989. p. 51) A temática explícita do filme, Buñuel mesmo descreve: "O roteiro, inteiramente original, mostrava um grupo de pessoas que uma noite, após uma representação teatral, vão cear na casa de uma delas. Após a refeição, passam para um salão e por uma razão inexplicável não mais conseguem sair dali... O que vejo nele é um grupo de pessoas que não conseguem fazer o que desejam: sair de uma sala. Isso ocorre com frequência em meus filmes". (BUNUEL, 1982. p. 336-337) Ajuda ainda a compreensão um comentário seu: "Sempre me senti atraído, tanto na vida como em meus filmes, pelas coisas que se repetem. Não sei explicar por que e não tento explicar. Há pelo menos uma dezena de repetições em 'El ángel exterminador'". (BUNUEL, 1982. p. 336)

Inicialmente, a situação insólita vivida pelos protagonistas, leva à informalidade das relações, mas as tensões aumentam sob a pressão compulsória de uma violência latente, que

ameaça se desencadear a cada momento. Um cenário irrepreensível de beleza e abundância, cordialidade e assepsia vão dando lugar a brigas e fome, agressão, sujeira e mortes. As mentiras sociais e morais desmoronam e uma disputa violenta abre caminho naquele grupo. Aprisionado pelo ciclo inexplicável da violência recíproca, procuram um bode expiatório que os liberte. A cena é cortada por uma fileira de ovelhas que sobem as escadas da sala onde se encontram. Preanunciam a vítima sacrificial. Fome, morte, desespero levam o anfitrião a decidir-se pela auto-imolação sacrificial. O sacrifício cruento não se consuma. Mas é a repetição dos mesmos gestos, falas, posição de corpos e lugares, enfim a repetição do ritual das relações entre eles, que quebra o encanto enigmático e aprisionador. O enigma não se desvenda, mas os sobreviventes do "naufrágio da Rua da Providência" - título inicialmente previsto - participam de um "Te Deum" solene, em ação de graças pela "salvação". Terminado o ritual religioso o ciclo hermético se reinicia. Que fazer para poder sair do recinto onde se realizou a celebração? Fora do templo, cenas de agressão policial agitam a rua em meio ao passar cadenciado de mansa fileira de ovelhas. Assim termina o filme.

Buñuel e Girard em criações diferentes, atingem o coração trágico da condição humana, fartamente celebrado nas tragédias gregas. A outreidade como reconhecimento da diferença é condição para o sujeito acontecer, mas é também seu inferno. É na experiência compacta, não separável de "ser/estar-junto-com" (MAFFESOLI) que reside nosso bem e nosso tormento.

Entre os autores gregos, Girard escolhe Eurípedes que, principalmente em "As Bacantes", projeta luzes sobre a hosti-

lidade recíproca e a cena da violência inaugural.

O gênero trágico encarna em si as contradições da cultura grega no século V A.C., mas é em Eurípedes que se revela pela primeira vez a amplitude da crise de seu tempo. As próprias condições materiais e o pensamento social da cidade grega constituem a argamassa que edifica o texto trágico. O século de Eurípedes é um século de grandes mudanças culturais. Afastando-se da cosmovisão mítica, não mais joguete de um destino traçado pelos deuses, o ser humano é presa fácil da inquietação diante da liberdade, dilacerado em sua consciência, pela aguda percepção das contradições que o dividem. A tragédia nasceu do culto a Dionísio e literalmente o termo significa "canto do bode" e era um canto que acompanhava o sacrifício do animal nos cultos ao deus.

Em "As Bacantes", Eurípedes celebra e revela Dionísio. Já na abertura da peça fica evidente a ambiguidade do deus: "Heko! Eis-me, o filho de Zeus e de mulher mortal".

Dionísio desorganiza a cidade de Tebas, onde ele chegara. Ele é o estrangeiro, o outro. Ser afetado pelo outro, provoca a oscilação do edifício das certezas constituídas, das normas estabelecidas na cidade de Tebas. Por isso Penteu, administrador da cidade, abomina Dionísio.

A alteridade do deus das bacantes "confunde e funde as categorias, todas as oposições nítidas, que dão coerência a nossa visão de mundo". (VERNANTI, 1991. p. 265) Ele é o deus louco e sábio. É o jovem estrangeiro da família de Cadmo, família que governa a cidade, garante a ordem e a lei. É o bárbaro que vem da Lídia, mas é cidadão de Tebas. "Dionísio sendo para os homens o mais benigno dos deuses, também é o mais terrível". (EURÍPEDES,

1976. p. 109)

Dionísio sintetiza o caráter ambíguo da violência sacrificial de Girard. A bacanal é uma festa e como tal elimina as diferenças e culmina com o assassinato de Penteu, realizado unanimemente por todas as bacantes na presença de Dionísio. O assassinato da vítima, a coesão das mulheres bacantes remontam a uma cena original, à violência fundante. Agave, a própria mãe de Penteu desfere o primeiro golpe, tomando-o por um leão. Logo todas as outras se atiram sobre ele, como animais ferozes. "Tudo sugere uma multidão com intenções inicialmente pacíficas, uma massa desorganizada que é levada a um grau de histeria coletiva, por razões desconhecidas, e que geralmente não precisam ser conhecidas. Essa multidão acaba por se lançar sobre um indivíduo que nada de essencial destina à vindita de todos, mas que mesmo assim polariza rapidamente todas as suspeitas, a angústia e o terror de seus companheiros. Sua morte violenta proporciona à multidão o alívio de que ela necessita para reencontrar a calma." (GIRARD, 1990. p. 163)

Com a catarse apropriada pelo linchamento, tudo retorna a seu estado habitual. "A metamorfose de cidadãos pacíficos em animais furiosos é demasiadamente cruel e passageira para que a comunidade aceite reconhecer-se nela, para que acolha como seu o estranho e terrível semblante, aliás mal vislumbrado. Assim que se apazigua de uma maneira miraculosa, a tempestade vai aparecer como a visitação divina por excelência". (GIRARD, 1990. p. 167)

Violência sagrada, crueldade e paz inexplicáveis, distinta daqueles aspectos menos nebulosos do existir humano. Sagrado, imanência maciça, que transcendendo-nos nos perde e nos salva, através de rituais e do desconhecimento do mecanismo de

deslocamento da violência.

É principalmente com o "dynamismo dionisíaco" como ritualização da violência que Maffesoli entra no diálogo. "A dinâmica da violência" (MAFFESOLI, 1987) é afluente pequeno, mas de águas tumultuadas e vigorosas, escrito que foi, nas palavras do autor, "sob o ângulo metafórico" com a preocupação de "compreender a ambiguidade da violência, seu aspecto polifônico, a fascinação que ela não deixa de exercer, sua constância nas histórias humanas. Misteriosa violência que nos obscurece, que ocupa nossa vida e nossas discussões, que perturba nossas paixões e razões". (MAFFESOLI, 1978. p. 9)

Maffesoli e Girard mantem diálogo fecundo e compartilham suas análises de violência fundadora: "... regularmente encontramos o mal, o assassinato, o sangue na fundação de todas as estruturas sociais. A violência como uma 'centralidade subterrânea', é sempre aquilo a partir de que se determina a existência". (MAFFESOLI, 1978. p. 10) Aproximam-se também esses dois franceses, ao considerarem a "violência como elemento estrutural do fato social e não como um saldo negativo anacrônico de uma ordem bárbara em vias de desaparecimento". (MAFFESOLI, 1978, p. 21)

Outra voz sonora, de contrabaixo, é a de Elias Canetti, que extrai seu som da antropologia-sociologia-psicologia. Canetti experienciava fenômenos sociais como se fosse possível observá-los nus, sem o envoltório de teorias que já os descreveram. Assim sua experiência com a/de ser multidão, que fecundou e gestou por anos a obra "Massa e Poder": "Tive, porém, uma experiência excepcional naqueles dias em Frankfurt, uma experiência de dia: uma manifestação. Ainda cedo, talvez um ano após a minha chegada a

Frankfurt, eu assistira no Zeil a uma manifestação de operários. Minha lembrança da primeira manifestação, à qual assisti conscientemente, permaneceu viva. O que eu não podia esquecer era a atração real. Sentia um intenso desejo de participação, mas não eram reflexões e deliberações. Tampouco a dúvida, o que me impedia de dar o passo decisivo. Mais tarde, quando cedi o realmente me encontrei entre a multidão, pareceu-me que lá ocorria algo semelhante ao que na física se conhece por gravitação. Mas é claro que esta não era a verdadeira explicação daquele processo absolutamente surpreendente. Pois não éramos uma coisa sem vida; nem antes, isolados, nem depois, em meio à multidão. E o que acontecia com a gente em meio à multidão, uma completa alteração da consciência, era tão drástico quanto misterioso. Eu queria saber de que se tratava, realmente. Era um enigma, que não mais me largou; perseguiu-me durante a melhor parte de minha vida e, se eu finalmente descobri algumas coisas, não passou a ser menos enigmático. ... meu relato sobre a experiência com a massa, como eu então a chamava, deixava-o (seu amigo Waldinger) de bom humor, e ele não parecia estar zombando de mim. Para ele estava claro que eu sentira uma espécie de embriaguez, pela intensificação das possibilidades da experiência, uma ampliação da própria pessoa que, abandonando suas limitações, encontra outras em situação semelhante, e junto com elas forma uma unidade superior.... Eu procurava apreender mais sobre as multidões, das quais eu falava. De qualquer forma eu teria investigado esse processo, que tanto me tomava, que para mim se tornava o enigma de todos os enigmas. ... se eu tivesse de dizer onde estava minha verdadeira obstinação, eu diria que estava naquilo em que eu fora subjugado por experiências que não sabia

explicar. Ninguém jamais conseguiu desviar-me dela, nem eu próprio." (CANETTI, 1988. p. 80-82)

Aí estão, leitor, margens e leitões que organizaram, fecundaram e também represaram meu pensar sobre o Quebra de 1959 em Uberlândia. Já nem sei distinguir as margens e leito principal de seus afluentes menores. Isso não tem a menor importância se a apresentação dos três dias do Quebra tiver sido capaz de conduzi-lo através do curso das águas turvas do meu pensar.

INDICAÇÕES PARA A LEITURA

- Uberlândia com 4.040 Km² está situada na região do Triângulo Mineiro, a oeste do estado. A região do Triângulo Mineiro foi conhecida como Sertão da Farinha Podre, como afirma o viajante francês Saint-Hilaire. Entre os primeiros ocupantes fixos não indígenas, figuram João Pereira da Rocha (desde 1818) e Felisberto Alves Carrijo (desde 1835).

João Pereira da Rocha tomou posse da sesmaria de São Francisco em 1821 e nela estabeleceu a Fazenda São Francisco, primeira da região. Em 1835 Felisberto Alves Carrijo e seus irmãos compraram de João P. Rocha, parte da sesmaria e instalaram suas fazendas. Mais tarde Felisberto comprou uma área entre o ribeirão São Pedro e o correjo Cajubá e nela edificou sua residência, uma capela dedicada a São Sebastião e Nossa Senhora do Carmo, uma escola e instalou várias famílias. Esse núcleo foi chamado primeiro de povoado de São Sebastião da Barra de São Pedro e foi ao redor dele que cresceu, a depois chamada, vila de São Pedro do Uberabinha. Por ter lançado o germe original, Felisberto Carrijo é considerado oficialmente, o fundador da cidade.

Em 1852 foi criado o distrito de São Pedro do Uberabinha, pertencente ao município de Uberaba. Em 1888 o distrito foi elevado à categoria de município.

Segundo o Censo de 1960 a população do município na época do Quebra era de 87.678 habitantes, sendo 14.848 os estudantes.

Em 1959 contava a cidade com mais de 27.000 eleitores, 1.316 estabelecimentos industriais. E a safra agrícola do ano anterior foi de 2 bilhões e 500 milhões de cruzeiros conforme jornal O TRIANGULO, 11/06/59.

- INDICAÇÃO DE JORNAIS E REVISTAS INSERIDOS NO TEXTO:

- * Pág. 13 - O Binômio n 238 26/1/59
- * Pág. 17 - Correio de Uberlândia 22/1/59
- * Pág. 18 - Diário do Mês 19/01/59
- * Pág. 30 - O Triângulo 18/01/59
O Triângulo 01/01/59
- * Pág. 31 - Correio de Uberlândia 22/01/59

- Correio de Uberlândia 18/01/59
- Correio de Uberlândia 18/01/59
- * Pág. 32 e 33 - Estado de Minas 18/1/59
 - * Pág. 43 - O Triângulo 21/01/59
Estado de Minas 20/01/59
 - * Pág. 44 - O Triângulo 21/01/59
 - * Pág. 52 - Estado de Minas 20/01/59
 - * Pág. 53 - O Triângulo 22/05/59
 - * Pág. 55 - O Cruzeiro Fevereiro de 1959
 - * Pág. 56 - O Triângulo 21/01/59
Estado de Minas 21/01/59
 - * Pág. 64 - Estado de Minas 20/01/59
 - * Pág. 65 - Correio de Uberlândia 22/01/59
 - * Pág. 69 - O Triângulo 01/02/59
O Triângulo 27/01/59
 - * Pág. 69 a 70 - O Triângulo 29/01/59
 - * Pág. 70 - O Triângulo 01/02/59 (as 3 citações)
 - * Pág. 78 - O Triângulo 05/02/59

- INDICAÇÕES DAS FOTOS E XEROX:

- * Pág. 14 - Fachada do Cine Teatro Uberlândia. Acervo particular de Luiz Cláudio Silva Oliveira.
- * Pág. 17 - Sala de projeção de um dos cinemas. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.
- * Pág. 18 - Interior do Cine Teatro Uberlândia. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.
- * Pág. 19 - Sala de projeção de um dos cinemas. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.
- * Pág. 20 - Interior do Cine Teatro Uberlândia. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.
- * Pág. 23 - Acervo do NUCHIS.
- * Pág. 24 - Acervo do NUCHIS.
- * Pág. 25 - Jornal Estado de Minas 19/01/59
- * Pág. 26 - Cinema de rua em frente ao Cine Teatro Uberlândia. Acervo particular de Anísio Hubaide (Baia).

- * Pág. 27 - Cinema de rua. Acervo particular de Anísio Jorge Hubaide (Baia).
- * Pág. 29 - Interior do Cine Teatro Uberlândia. Acervo do NUCHIS.
- * Pág. 45 - Acervo particular de Luiz Cláudio S. Oliveira.
- * Pág. 46 e 55 - Revista O Cruzeiro. Fevereiro de 1959.
- * Pág. 53 e 54 - Interior da Casa Capparelli. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.
- * Pág. 60 - Fachada do Palácio dos Leões, quando da inauguração em 1917. Acervo do NUCHIS.
- * Pág. 68 - TEIXEIRA, 1970. p. 83.
- * Pág. 74 - Fachada do Fórum Abelardo Pena na época do Quebra. Acervo do NUCHIS.

III. BIBLIOGRAFIA

- ALEM, João Marcos. Representações coletivas e história política em Uberlândia, in História e perspectivas. Poder local e representações coletivas. Revista do Curso de História. Uberlândia, UFU, n 4 jan/jun, 1991. pag. 153-158.
- ALVARENGA, Nizia Maria. Movimento popular, democracia participativa e poder político local: Uberlândia 1983/1988, in História e perspectivas. Poder local e representações coletivas. Revista do Curso de História. Uberlândia, UFU, n 4 jan/jun, 1991. pag. 103-
- ANDRADE, Mário. O turista aprendiz. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1983.
- ARANTES, Jerônimo. Corografia do município de Uberlândia. Uberlândia, Editora Pavan, 1938.
- ASSMANN, Hugo (ed.) René Girard com teólogos da libertação - um diálogo sobre ídolos e sacrifícios. Petrópolis, Vozes, 1991.
- BALZAC, Honoré de. Ilusões perdidas. São Paulo, Abril Cultural, 1981.
- _____. A prima Bete. São Paulo, Abril Cultural, 1981.
- _____. O pai Goriot. São Paulo, Abril Cultural, 1981.
- _____. O primo Pon. São Paulo, Abril Cultural, 1981.
- BAZIN, André. O cinema da crueldade. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1986, 2a. ed.
- _____. Obras escolhidas II. Rua de mão única. São Paulo, Brasiliense, 1987. 2a. ed.
- BOGDANOVICH, Peter. Nacos de tempo - crônicas de cinema. Lisboa, Livros Horizonte, 1986.

- BORGES, Jorge Luis. O informe de Brodie. Rio, Globo, 3a. ed. (1a. ed. em português 1976).
- _____. Poemas escolhidos. Lisboa, Dom Quixote, 1985.
- BORNHEIM, Gerd (org.). Os filósofos pré-socráticos. S. Paulo, Cultrix, 1977.
- BRANDÃO, Carlos. Um estudo sobre a formação econômica da região do Triângulo Mineiro. Dissertação de Mestrado. UFMG, 1989.
- BUNUEL, Luis. Meu último suspiro. Rio, Nova Fronteira, 1982.
- CALVINO, Italo. Cidades Invisíveis
- CANETTI, Elias. Massa e poder. S. Paulo, Melhoramentos, 1983.
- _____. A consciência das palavras. S. Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- _____. Uma luz no meu ouvido. S. Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. Laços do desejo. Art. em O desejo. S. Paulo. Companhia das Letras, 1990. pag. 19-66.
- DETIENNE, Marcel. Dionísio a céu aberto. Rio, Jorge Zahar Editor, 1988.
- DINESEN, Isak. A festa de Babette e outras anedotas do destino. Rio, Record, 1988.
- DURAS, Marguerite. O caminhão. Rio, Record, s.d. (Ed. francesa 1977).
- _____. Os olhos verdes. Rio, Globo, 1988.
- _____. Boas falas. Rio, Record, s.d. (ed. francesa 1974).
- _____. O amante. Rio, Nova Fronteira, 1985.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor M. O idiota. Obra completa vol. III. Rio, Companhia Aguilar Editora, 1963.

- _____. Os irmãos Karamazovi. Obras completas vol. IV, Rio, Companhia Aguilar Editora, 1964.
- _____. O eterno marido. Rio, Betrand Brasil, 1987.
- EURIPEDES. As bacantes. S. Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976.
- FREITAS, Alfredo Macedo. No cinquentenário de Uberlândia. 1938.
- GIRARD, René. A violência e o sagrado. S. Paulo, Paz e Terra, 1990.
- GONÇALVES, Nilma Lacerda. Manual de tapeçaria. Rio, Philobiblion, 1986.
- GREIMAS, Algudas Julien e COURTES, Joseph. Dicionário de Semiótica. S. Paulo, Cultrix.
- GULLAR, Ferreira. Antologia poética. S. Paulo, 1979.
- GUTIERREZ, Alea, Tomas. Dialética do espectador: seis ensaios do mais laureado cineasta cubano. S. Paulo, Summus, 1984.
- HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. Rio, Paz e Terra, 1985.
- HYPOLITE, Jean. Génesis y estructura de la Fenomenologia del espíritu de Hegel. Barcelona, Ediciones Peninsula, 1974.
- LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro - história de uma ideologia. S. Paulo. Pioneira, 1983. 4a. edição.
- LEITE, Sérgio Lara. A literatura no cinema. B. Horizonte, Imprensa Oficial, 1984.
- LEVI-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos. Lisboa, Edições 70, s.d.
- LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres. Rio, Nova Fronteira, 1980.
- _____. Lacos de família. Rio, Francisco Alves, 1991.
- LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. Bairro do Patrimônio: salgadores e mocambiqueiros. Uberlândia, Secr. Municipal de Cultura,

1986.

- MACHADO, M. Clara Tomaz. Muito além do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia, in História e perspectiva. Poder local e representação coletiva. Revista do Curso de História. Uberlândia, UFU, n 4 jan/jun. 1991.
- MAFFESOLI, Michel. Dinâmica da violência. S. Paulo, Vértice, 1987.
- MEYER, Marlyse. O carnaval nos folguedos populares brasileiros. Rio, 1987. mimeo. 33 páginas.
- MILLER, Henry. O sorriso ao pé da escada. Rio, Salamandra, 1979.
- MOISES, J. Alvaro e MARTINEZ-ALIER, Verena. A revolta dos suburbanos ou "Patrão, o trem atrasou", in Contradições urbanas e movimentos sociais. Rio, Paz e Terra, 1985.
- MOORE, Barrington Jr. Injustiça - as bases sociais da obediência e da revolta. S. Paulo, Brasiliense, 1987.
- MOREIRA, Elvecio Domingos. Formação e Desenvolvimento dos Bairros Periféricos de Uberlândia. 1991. Dissertação apresentada como conclusão de Projeto de Pesquisa desenvolvido junto ao CNPq.
- NIETZSCHE, F. Wilhelm. O eterno retorno, in Os Pensadores. S. Paulo, Abril Cultural, 1987. Humano, demasiado humano.
- ORLANDI, Eni P. Discurso e leitura. S. Paulo, Cortez; Campinas, Editora da UNICAMP, 1988.
- _____. A linguagem e seu funcionamento. Campinas, Pontes, 1987.
- PASOLINI, Pier Paolo. Discurso sobre el plano-secuencia o el cine como semiologia de la realidad. In Problemas del nuevo cine. Madrid, Alianza Editorial, 1971. pag. 61-76.
- _____. Caos. S. Paulo, Brasiliense, 1982.
- _____. As últimas palavras do herege. S. Paulo, Brasiliense, 1983.
- _____. Jovens infelizes - antologia de escritos corsários. S. Paulo, Brasiliense, 1990.

- _____. Amado meu precedido de Atos impuros. S. Paulo, Brasiliense, 1984.
- PAES, Lycídio. Folheto impresso, 1953. Arquivo do NUCHIS.
- PAZ, Octavio. O monogramático. Rio, Editora Guanabara, 1988.
- PESSOA, Fernando. Obra poética. Rio, Ed. Nova Aguilar, S.A., 1977.
- PESSOA, Vera Salazar. Características da modernização da agricultura e do desenvolvimento rural de Uberlândia. Dissertação de Mestrado. Rio Claro, UNESP, 1982.
- POTEIRO, Antonio. Entrevista. In Bienal de São Paulo, 16. Arte Incomum. S. Paulo, Fundação Bienal de S. Paulo, 1981. vol. 3 pag. 57-58.
- PREZIA, Benedito. Transcrição livre do texto original encontrado em FERREIRA, Manoel R. O mistério do Ouro dos Martírios. S. Paulo, Gráfica Biblos Editora, 1960. pag. 61-67. mimio. 1990.
- RAGO, Luiza Margareth. Uma experiência de pesquisa em história: o quebra-quebra de 1959. Cadernos CEDES, no. 10, S. Paulo, Cortez, 1986.
- SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena. Rio, Paz e Terra, 1988.
- SANTOS, Laymert Garcia. Tempo de ensaio. S. Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- SOARES, Beatriz Ribeiro. Habitacão e produção do espaço em Uberlândia. Dissertação de Mestrado, USP, 1988.
- TARKOVSKI, Andrei. Esculpir o tempo. S. Paulo, Martins Fontes, 1991.
- TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central - História da criação do município de Uberlândia. Uberlândia, Gráfica Ltda. Editora, 1970. vol. I e II.
- TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. Processo Penal. Sao Paulo, Saraiva, 1986. 9 edição. Vol. I.

VEILLON, Olivier-René. Dicionário do cinema americano - Os anos cinquenta. Lisboa, Dom Quixote, 1985.

VERNAN, Jean-Pierre e Pierre Vidal-Naquet. Mito e tragédia na Grécia antiga. São Paulo, Brasiliense, 1991. Vol. II.

WEBER, Max. Economia y Sociedade. México, Fondo de Cultura Económica, 1964.

WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. Rio, Nova Fronteira, 1985.

_____. Passeio ao farol. Rio, Nova Fronteira, 1982.

_____. El cine y la realidad. In Los escritores frente al cine. Ed. Fundamentos. Espanha, s/d.

JORNAIS

O Triângulo. Uberlândia, 1959.

O Repórter. Uberlândia, 1959.

O Correio de Uberlândia. Uberlândia, 1959.

O Correio do Triângulo. Uberlândia, 1992.

O Estado de Minas. B. Horizonte, 1959.

O Diário da Tarde. B. Horizonte, 1959.

O Binômio. B. Horizonte, 1959.

Tribuna da Imprensa. Rio, 1959.

REVISTAS

Elite Magazine. Uberlândia, 1959.

Uberlândia Ilustrada. Uberlândia, 1959.

Uberlândia Documento. Publicação da Prefeitura Municipal. 1992.

O Cruzeiro. no. 17 - 07/02/1959 - Ano XXXI.

LEGISLAÇÃO

Código Penal / Código de Processo Penal